

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Éderson Ferreira Crispim

**O conceito de biblioteconomia em L.-A. Constantin (1779-1844) e a difusão
do seu trabalho**

MESTRADO EM HISTÓRIA DA CIÊNCIA

**São Paulo
2020**

Éderson Ferreira Crispim

O conceito de biblioteconomia em L.-A. Constantin (1779-1844) e a difusão do seu trabalho

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Ciência da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em História da Ciência, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Márcia H. M. Ferraz.

São Paulo
2020

Banca Examinadora

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-Brasil (CAPES)-Código de Financiamento 001.

Também pôde contar com o apoio da Fundação São Paulo (FUNDASP) com desconto parcial na semestralidade.

Agradecimentos

Agradeço, inicialmente, à primeira guardiã desse texto, minha professora e orientadora Márcia Helena Mendes Ferraz, pelo acompanhamento desse trabalho desde o projeto inicial até a presente finalização.

Às minhas professoras Maria Helena Roxo Beltran e Vera Cecília Machline por aceitarem o convite em participar da Banca de Qualificação e, principalmente, pelos comentários pertinentes e sugestões de melhorias.

A todos os professores, funcionários e colegas do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Ciência da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Deixo também aqui um agradecimento especial à professora Silvia Waisse, principalmente pelo trabalho de Introdução e Iniciação à História da Ciência.

Agradeço aos meus colegas da Biblioteca da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo e aproveito para deixar registrado um especial agradecimento à Marina Pereira Santos Araújo, bibliotecária responsável pela gestão dos Acervos e do CEDOC/FESPSP, agradeço pela compreensão e, principalmente, por ter propiciado condições para que esse trabalho se desenvolvesse.

À minha companheira Natashe Ferreira, por tudo.

Quero deixar um agradecimento especial também à professora Fernanda Kelly de Silva Brito por ter me incentivado a conhecer o programa de História da Ciência a partir de nossas conversas sobre classificação.

Quero também deixar registrada minha gratidão aos meus professores orientadores de formação da FESPSP: Prof. Ivan Russeff (Graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação) e Prof. Rodrigo Estramanho de Almeida (Pós-Graduação em Estudos Brasileiros).

Fecho esta carta de agradecimentos *in memoriam* ao querido professor Jorge Nagle (1929-2019).

Resumo

A elaboração de um conceito em biblioteconomia encontrado no trabalho de um livreiro na primeira metade do século XIX na França deu ensejo, talvez, para que micronarrativas em torno do estabelecimento de uma disciplina e uma carreira se desenvolvessem.

Carreira esta que, por assim dizer, vinha, desde os últimos quatro séculos, modificando seu conjunto de atividades. Numa palavra, inúmeros personagens, dos mais célebres a alguns poucos lembrados, se tornaram, em maior ou menor grau, importantes operadores para a descrição de um tipo especial de trabalho, que, historicamente, sempre se manifestou.

Ou, queira se dizer, prosperou mais, pelo menos, nos locais em que a criação de universidades, o conhecimento da fabricação do papel e a liberdade de imprensa foram possíveis.

Sendo assim, tal perspectiva histórica que aqui trabalhamos envolvendo a área da biblioteconomia, só nos foi possível construir tendo como ponto de partida a elaboração de um conceito em contexto.

Desse modo, trabalhamos com a hipótese de que, até informação em contrário, o primeiro trabalho dessa natureza a utilizar a palavra no título foi o *Bibliothéconomie: Instructions sur l'Arrangement, la Conservation et l'Administration des Bibliothèques* do livreiro germano-francês Leopold Auguste Constantin Hesse (1779-1844) publicado originalmente em 1839 na cidade de Paris e modificado em 1841.

Palavras-chave: Biblioteconomia. Bibliothéconomie. Library economy. Library science. Librarianship. História da ciência. Manuais práticos. Constantin, L.-A.

Abstract

The elaboration of a concept in librarianship found in the work of a bookseller in the first half of the 19th century in France, gave rise, perhaps, to micronarratives around the establishment of a discipline and a career to develop.

A career that, as it were, has been changing its set of activities since the last four centuries. In a word, countless characters, from the most famous to a few remembered, have become, to a greater or lesser extent, important operators in describing a special type of work, which, historically, has always manifested itself.

Or, that is to say, it prospered more, at least, in places where the creation of universities, knowledge of papermaking and freedom of the press were possible.

On this way, such a historical perspective that we elaborate here involving the area of librarianship, it was only possible for us to build based on the elaboration of a concept in context.

Thus, we work with the hypothesis that, until further notice, the first work of this nature to use the word in the title was the *Bibliothéconomie: Instructions sur l'Arrangement, la Conservation et l'Administration des Bibliothèques* by the German-French bookseller Leopold Auguste Constantin Hesse (1779-1844) originally published in 1839 in the city of Paris and modified in 1841.

Keywords: Librarianship. Bibliothéconomie. Library economy. Library science. Bibliotheconomia. History of science. Practical manuals. Constantin, L.-A.

Sumário

Introdução	9
Capítulo 1 – Os livros e sua organização: séculos XVI-XIX	13
I. Aumento da produção de livros	14
II. Formação de bibliotecas de utilidade pública e coleções particulares	19
III. Organização de catálogos e bibliografias	21
IV. Biblioteconomia (e suas traduções) a elaboração de um conceito	26
Capítulo 2 – Sobre Constantin e a difusão do <i>Bibliothéconomie</i>	35
I. Quem foi L.-A. Constantin?	36
II. Controvérsias envolvendo seu trabalho	39
III. Difusão do trabalho e a busca do conceito em outros lugares	46
Considerações Finais	56
Bibliografia	58

Introdução

O termo biblioteconomia é bastante usado e mesmo pessoas que não pertencem à área rapidamente lembram de livros e o local que os guarda. A palavra biblioteconomia, denominação de uma carreira que vem mudando seu conjunto de atividades ao longo das últimas décadas, permaneceu viva, talvez mais como uma ideia que, historicamente, sob diferentes contextos e propostas, já apresentou diferentes conceituações.

De toda forma, e como não poderia ser diferente, a biblioteca, sua organização e o desejo de torná-la acessível sempre se manifestam.

É muito comum, tendo em vista a vastidão de textos técnicos ou mesmo relatos de experiência, encontrarmos abordagens históricas com referências ao que denominam o “primeiro” a utilizar o termo biblioteconomia, ou mesmo, a expressões prosaicas indicando que este ou aquele personagem é o “pai” de algum tipo de fazer biblioteconômico.

Esta dissertação teve origem primeiramente no desconforto em encontrar diversas atribuições, muitas vezes conflitantes, sobre quem teria inaugurado o uso da palavra. Isso levou, em seguida, à necessidade de buscar entender a origem do termo e sua elaboração, como ele se difundiu e foi usado em alguns contextos, gerando, às vezes, controvérsias.

Ao tratar do assunto, o livreiro Léopold-Auguste Constantin Hesse (1779-1844), mais conhecido por L.-A. Constantin é comumente lembrado devido a publicação de seu livro *Bibliothéconomie: Instructions sur l'Arrangement, la Conservation et l'Administration des Bibliothèques*, em 1839, com uma segunda edição, modificada, em 1841.

Não obstante, é costume encontrarmos alguns autores atribuindo ao bibliotecário seiscentista Gabriel Naudé (1600-1653) a importância de ter sido o “primeiro” a utilizar o termo *bibliothéconomie*.¹

Por exemplo, em textos encontrados na área da bibliografia histórica, parece haver uma concordância entre alguns bibliógrafos de que Naudé haveria cunhado o termo *bibliografia*, como veremos mais adiante.²

Em termos históricos, é indiscutível a importância de um personagem como Naudé para o pensamento biblioteconômico e bibliográfico, sobretudo por ter contribuído como um operador em estudos sobre a formação de coleções na França e Itália do século XVII. Contudo, a mera reprodução de certas generalizações pode obnubilar, eventualmente, a interação com outros trabalhos e viciar alguma linha de narrativa histórica.

Neste contexto e a par dessas questões, esse nosso estudo se configura e se desenvolve, tendo como mote, investigar os antecedentes do termo biblioteconomia para tentarmos descrever a elaboração do conceito, tendo em vista a insuficiência sentida na lexicografia técnica quando se trata de buscar aprofundamentos de perspectiva histórica.³

Vale deixar registrado já aqui, que, boa parte de nossa motivação se deu pelo incômodo em assimilar a tradução, ou, a direta ligação, entre os termos *library science* e biblioteconomia, discutidos mais adiante.

Aliás, equivalências entre os termos: *bibliothéconomie*, *library economy*, *librarianship*, *library science* e *bibliothekswissenschaft*, pelo menos de ordem técnica, já foram notadas em alguns trabalhos internacionais, como por exemplo

¹ Sobre Naudé ter cunhado o termo *bibliothéconomie* ver Tanus, “Constituição da Biblioteconomia Científica,” 223. Ver também Orera Orera, “Concepto de Biblioteconomia,” 73-90.

² Ramirez, “Bibliotecário,” 221-236. Sobre a cunhagem do termo bibliografia ver Marino, *Biography*. 163. Tradução nossa.

³ Para termos uma ideia podemos começar por *Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia*, 55, cuja definição advém de Le Coadic, *Ciência da Informação*, 12-16. Confirma também a descrição de Buonocore, *Diccionario de Bibliotecologia*, 91, como uma doutrina de conhecimentos teóricos e práticos, o autor indica atividades de administração e organização muito semelhantes com a sumarização proposta por Constantin.

o *Vocabularium bibliothecarii*⁴ que, em certa perspectiva, propiciou pistas para alguns documentos pouco trabalhados.⁵

Dizemos pouco trabalhados pelo menos no que concerne à aproximação de determinados personagens a um cenário percebido em torno de uma mesma ideia, que entendemos, a princípio, como a organização de livros e bibliotecas.

Encontram-se em tal cenário, personagens como Constantin, Jean Pie Namur, Julius Petzholdt e Edward Edwards, dentre inúmeros outros, que na primeira metade do século XIX, a partir de seus contextos regionais propuseram ideias e publicaram manuais relacionados com bibliotecas e sua organização.

Nesse cenário composto de muitos autores, textos, conceitos e ideias, selecionamos como documentos principais (mas não únicos) textos publicados por Constantin: o manual *Bibliothéconomie* (considerado em sua 2ª edição de 1841) e o *Essai d'une statistique des bibliothèques publiques dans L'étranger* publicados entre 1839 e 1841.

Vale ressaltar que, no processo de pesquisa, outros documentos foram localizados, como, por exemplo o catálogo *Notice des livres la plupart relatifs à la bibliographie composant le cabinet de feu M. L.-A. Constantin* publicado em 1845, em Paris.

Trata-se do espólio que compreende os livros da biblioteca particular de Constantin, que, ao que tudo indica, foi classificada por ele. Entendemos que este espólio pode nos ajudar como fonte para compreender o repertório do pensamento biblioteconômico do autor, bem como outras conexões.

⁴ Aqui consultado em sua segunda edição, de 1962.

⁵ Alguns documentos são: o *Handbuch der Bibliothekwissenschaft* de Martin Schrettinger, publicado em Viena, 1834, entre outros; alguns artigos publicados no periódico *Serapeum*, Leipzig, entre 1840 e 1848; a tradução *Biblioteconomía* de Dionísio Hidalgo, Madrid, 1865; e, na busca do conceito em outros trabalhos, localizamos o *Handbook of library economy* de Edward Edwards, Londres, 1859. Com relação às equivalências confira os termos técnicos em Thompson, org., *Vocabularium bibliothecarii*, 151. Na abordagem histórica entre *bibliothéconomie* e *library science* ver Moore, *Restoring Order*, 107. Dificuldades semânticas na tradução entre *librarianship*, *bibliothéconomie*, *library economy* e *library science* ver Cossette, *Philosophy of Librarianship*, xiii. Sobre a descontinuidade do termo *library economy* ver Richardson Jr., "American Library Science," 2.

Na parte inicial desta dissertação apresentaremos alguns elementos históricos anteriores ao trabalho de Constantin. Com isso, objetivamos compreender o panorama de concepção da ideia de biblioteconomia, num contexto de aumento da produção de livros impressos e sua organização em bibliotecas, abordando alguns de seus aspectos ao longo dos séculos XVI e XIX.

Cabe aqui uma prevenção em relação ao alongado tempo em nosso preâmbulo. Nosso intuito não é ser extensivo, mas que busquemos trazer elementos explicativos e indicativos da formação pensamento biblioteconômico até a aparição do livro *Bibliothéconomie* de Constantin, aqui estudado a partir da edição de 1841.⁶

Sendo assim, dividimos esse trabalho em 2 capítulos.

Com relação ao capítulo 1 abordaremos sobre as condições do aumento da produção de livros na Europa a partir do XVI. Falaremos um pouco sobre a formação de bibliotecas de “utilidade pública” e quando couber alguns exemplos particulares. Apresentaremos alguns exemplos da formação e organização de catálogos e bibliografias; e finalizaremos com acepções em torno do termo biblioteconomia, suas traduções e a elaboração de um conceito em Constantin.

No capítulo 2 incluímos um breve relato sobre a investigação em torno do nome de Constantin em busca de coletar mais informações e detalhes sobre a vida e obra desse autor. Reservamos uma parte para apresentarmos algumas controvérsias envolvendo a publicação do *Bibliothéconomie* e finalizaremos com a difusão do trabalho do autor, puxando, até um certo limite, reconhecer ideias em outros autores e contextos.

*

⁶ As citações referentes ao *Bibliothéconomie* de Constantin serão conforme a 2ª edição de 1841 em tradução nossa.

Capítulo 1 – Os livros e sua organização: séculos XVI-XIX

I. Aumento da produção de livros

A criação das universidades, o conhecimento da fabricação do papel e a invenção da imprensa tipográfica ocupam extrema importância no aumento da produção de livros, formação e organização de bibliotecas na Europa ocidental.⁷

Do papiro ao pergaminho e deste ao códice, uma demanda crescente por livros com capas ornamentadas e com acabamento refinado já era um costume desde o século XII entre “amantes do livro”.⁸

“Há evidências [...] de viajantes que ofereciam seus serviços de edição e, por volta do ano de 1200, oficinas começam a se estabelecer, e manuscritos passam a ser encomendados e comprados. Em torno de 1250 grande parte dos livros já estariam sendo produzidos fora dos mosteiros por profissionais que recebiam pelo livro.”⁹

Contudo, será a partir do século XIII com a “criação das universidades [que se] fizera sentir a necessidade de possuir um número maior de manuscritos.”¹⁰

As universidades nesse período praticamente começaram sem bibliotecas, com exceção, talvez, da biblioteca do Collège de Sorbonne de Paris, fundada em 1257 pelo teólogo Robert Sorbon (1201-1274) para dar instruções a estudantes de teologia. A “faculdade recebeu sua coleção de manuscritos quando ele morreu em 1274. Em 1290, a coleção continha mais de 1.000 volumes.”¹¹

Entretanto, vale ressaltar que: “A cultura manuscrita não podia [ainda] ter autores nem públicos tais como os que foram criados pela tipografia”.¹²

Seriam necessários quase 150 anos ou mais, para que uma série de experimentos metalúrgicos culminassem na invenção da imprensa de tipos móveis, que, afora as controvérsias suscitadas sobre essa invenção, o ourives e

⁷ Thomas, *introdução*, 55-73.

⁸ Richard de Bury, *Philobiblon*, 88-90.

⁹ Paiva, *Aventura do Livro Experimental*, 36-37.

¹⁰ Febvre & Martin, *Aparecimento do Livro*, 75.

¹¹ Quinn, *Historical Dictionary of Librarianship*, 7.

¹² McLuhan, *Galáxia de Gutenberg*, 184.

impressor Johannes Gutenberg (c.1400–1468) ocupa um lugar de destaque na história dos primeiros livros impressos, conhecidos pelo nome de incunábulos.¹³

“Por volta de 1500-1510, com efeito, a imprensa ganhou partida. Nas *bibliotecas*, os livros impressos relegam cada vez mais os manuscritos ao segundo plano; por volta de 1550, eles são consultados quase só por eruditos.”¹⁴

Não obstante, a reprodução da obra, agora distanciada da mão do escriba e cada vez mais separada da ideia de mercadoria de luxo vendida esporadicamente por um caixeiro-viajante, estaria, portanto, sujeita a novas necessidades de aproximação para com o público bibliófilo, começando-se por estabelecer uma rede de tipógrafos, livreiros e papeleiros, agentes muitas vezes representados em uma só pessoa para difusão e venda do livro.¹⁵

Contudo, vale considerar que: “A invenção da imprensa teria sido inoperante se um novo suporte do pensamento, o papel, vindo da China através da Arábia, não tivesse aparecido na Europa havia dois séculos para tornar-se de emprego geral e corrente no final do século XIV.”¹⁶

A generalização do uso do papel e o interesse por textos helênicos e alexandrinos traduzidos do siríaco e persa para o árabe e posteriormente para o latim, segundo S. K. Padover e Isabella Stone, foram vitais para o desenvolvimento tanto de bibliotecas islâmicas quanto para o Renascimento da Europa do século XIV ao XVII, principalmente após a criação das universidades e da invenção da imprensa.¹⁷

“Os livros foram uma peça básica na chamada “era de ouro” da cultura islâmica, que vai do século VII ao século XIII [...]. À medida que os impérios

¹³ Segundo Lyons, *Uma História Viva*, 214, “Todos os livros impressos produzidos até 1501”. Definição semelhante pode ser encontrada também em Constantin, *Bibliothéconomie*, 165.

¹⁴ Febvre & Martin, 374.

¹⁵ Sobre rede de tipógrafos e papeleiros ver Febvre & Martin, 75-95. Sobre a noção de reprodução como continuidade ao trabalho manuscrito ver Chartier, “*Trajectoria do escrito*,” 185-186.

¹⁶ Febvre & Martin, 76.

¹⁷ S. K. Padover & Isabella Stone, *Medieval Library*, (Chicago: University of Chicago Press, 1939), citado em Matthew Battles, *Conturbada História das Bibliotecas*, trad. João V. G. Cuter (São Paulo: Planeta Brasil, 2003), 71.

islâmicos se expandiam, seus novos súditos aprendiam a língua do Corão, e o árabe escrito tornou-se a linguagem de comunicação comum. Os estudiosos e as bibliotecas islâmicos colecionavam e traduziam textos clássicos ocidentais e fizeram grandes avanços em filosofia, direito, matemática e ciências.”¹⁸

Entretanto, apesar da expansão da cultura livresca nas comunidades islâmicas do medievo, as várias guerras entre o Oriente Próximo e o Ocidente entre os séculos XIII e XV fizeram por desaparecer, talvez não totalmente, as grandes bibliotecas da civilização árabe-muçulmana: “Seus conquistadores – mongóis, os turcos e os cruzados – não compartilhavam esse amor pelo conhecimento que o Islã havia herdado de seus antepassados gregos e persas.”¹⁹

“Apesar da florescente bibliofilia, a impressão com tipos móveis não foi plenamente adotada pelos produtores de livros islâmicos até o século XIX. O sultão otomano Bayezid II (reinou em 1481-1512) banuiu o material impresso do império em 1485. A importância artística, religiosa e moral vinculada à caligrafia pode ter sido um fator significativo nessa decisão e, com até 100 mil copistas muçulmanos produzindo textos para estudiosos e bibliotecas, não havia escassez de livros na época.”²⁰

Em alguns aspectos a Europa do Renascimento (1350-1620) irá absorver a prática da tradução e o conhecimento dos textos clássicos exigindo da pessoa encarregada pela guarda e análise desses materiais um conhecimento filológico para o exame e reprodução dos textos, não por acaso que “essa época é também aquela em que a filologia progride como verdadeira disciplina.”²¹

Nesse contexto, é-nos oportuno citar alguns livros que basicamente influenciaram no aumento de livros impressos e, conseqüentemente, a necessidade de formação e organização de bibliotecas ocidentais.

¹⁸ Lyons, 49.

¹⁹ Battles, 72.

²⁰ Esse banimento só será revogado em 1727. Mas o texto corânico não será impresso até meados do século XIX com a modernização liderada pelo paxá do Egito, Mohamed Ali (1769-1849). Confira em Lyons, 49.

²¹ Pierre Lardet, [epígrafe], citado em *História das Bibliotecas*, trad. Regina S. Campos (São Paulo: Edusp, 2018), 137.

Se no mundo islâmico havia o papel e um exército de copistas para pôr em difusão os textos corânicos, bem como outros textos de estudos como os sobre filosofia, direito, matemática, ciências entre outros, na Europa cristã, as disputas religiosas e políticas pelo destino das almas se retroalimentavam-se no período em que a fabricação do papel e as primeiras tipografias haviam espalhado incunábulo bíblicos, missais, livros de horas, textos de devoção popular e indulgências.²²

Por exemplo, após a publicação da *Bíblia de Lutero* se produziu na Europa, um forte impulso à leitura impressa em línguas vernáculas e, conseqüentemente, no incentivo de um novo público destinado ao texto impresso.²³

Na primeira metade do século XVI, o reformador e tradutor Martinho Lutero (1483-1546): “Começou a traduzir a Bíblia para o alemão, completando-a em prosa em 1534. Wittenberg, uma cidade com apenas 2 mil habitantes, explodiu em pouco tempo como o coração da indústria tipográfica da Alemanha.”²⁴

Basicamente, o que fica de certa forma indicado, é que foi a partir do texto bíblico ou de escrituras sagradas, que a leitura se expandiu entre os séculos XV e XVI no contexto Europeu.

No início do século XVII na região dos Países Baixos, mais precisamente nas cidades de Leiden, Amsterdã, Utrecht e Haia, espalharam-se oficinas tipográficas. Um nome que costuma ser lembrado nesse período é o do livreiro empreendedor Luís Elzevir (1540-1617) – “antigo aprendiz de Christophe Plantin, mudou-se para Leiden onde fundou sua própria companhia” – seus descendentes: Boaventura e Abraão Elzevir deram continuidade aos trabalhos de impressão.²⁵

²² Sobre incunábulo ver Lyons, 215. Ver também em Constantin, *Bibliothéconomie*, 165-170.

²³ Lyons, 67.

²⁴ Blainey, *Breve História do Mundo*, 183.

²⁵ Lyons, 79.

“Boaventura e Abraão Elzevir lançaram [...] as *Repúblicas* [...] ancestrais dos modernos guias de viagem. [...] Erasmo do Novo Testamento, em sete edições, de 1624 a 1678, seis edições de *Opera Philosophica* de Descartes, e o controvertido texto de Galileu, Discursos e demonstrações matemáticas sobre duas novas ciências (1638), depois que este fora banido pela Inquisição na Itália. Os Elzevir também conseguiram reputação compondo textos em alfabeto não latinos, numa época em que o estudo das línguas semíticas estava florescendo na Holanda.”²⁶

A Casa Elzevir parece que irá funcionar só até 1712, entretanto, seu nome “Elsevier” e o logotipo “um homem sentado sob um olmo, a árvore do conhecimento” serão retomados e adaptados pelo editor Jacobus Robbers em 1880.²⁷

Um outro tipo de publicação nesse interim de difusão da imprensa e, em partes, como reação ao movimento da Reforma, serão os índices de livros censurados pelas universidades de teologia ou proibidos pela Inquisição e publicados no *Index Librorum Prohibitorum*. Pelo volume de livros censurados é possível ter uma noção da quantidade de material que vinha sendo publicado pelas oficinas tipográficas:

“Entre 1544 e 1556, a Sorbonne, em Paris, emitiu 500 condenações de obras heréticas; os Índices da Universidade de Louvain publicados em 1546, 1550 e 1558 relacionaram um total de 700 proibições. [...] Em 1790, havia mais de 7,400 títulos proibidos no Índice papal.”²⁸

Vale deixar registrado que: “A Inquisição foi fundada em Roma pelo papa Paulo III em 1542. Essencialmente, era um tribunal que se reportava diretamente ao papa e, portanto, muitas vezes não era popular com os bispos locais, que tinham pouco controle sobre suas decisões.”²⁹

Talvez, como consequência da censura da Europa central, cabe mencionar o caso das Bibliotecas de Oxford, como algumas passaram a funcionar como

²⁶ Lyons, 80.

²⁷ Ibid.

²⁸ Ibid., 83.

²⁹ Ibid.

centros de pesquisa e exegese, deu-se ensejo para a elaboração da “edição da célebre Bíblia do Rei Jaime (King James Bible) em 1611.”³⁰

Buscamos com esse tópico dar uma noção do aumento de livros na Europa ocidental, tendo em vista a articulação de três elementos: criação das universidades, conhecimento da fabricação do papel e a invenção da imprensa.

Prosseguiremos a seguir em busca de elementos e indicações sobre a formação de bibliotecas de utilidade pública e coleções particulares na Europa ocidental.

II. Formação de bibliotecas de utilidade pública e coleções particulares

Segundo Constantin: “as primeiras bibliotecas criadas para fins de utilidade pública datam do final do século XVI e início do século XVII.”³¹ São elas: “a Laurentiana em Florença, de 1571, Vaticana em Roma, de 1588-1590, Ambrosiana em Milão, de 1604-1609, Angélica em Roma, de 1605, a Bodleiana em Oxford, de 1612, a Mazarina em Paris, de 1648, aquela do Rei, de 1737.”³²

No entanto, como se formam essas bibliotecas?

Basicamente, uma biblioteca pode ser formada de maneira particular, sofrer uma alternância de tipologia por interesses maiores, fundir-se com outros acervos, ou ser conduzida por “transferências culturais” tal como se segue:

[...] desde a Antiguidade, com a translação do modelo ateniense para Alexandria, depois para Roma, onde as bibliotecas se multiplicam na época da passagem para o principado. O sonho da universalidade romana obseda os soberanos carolíngios, ele reaparece a partir do século XIV, reanimado pelos humanistas italianos. De Roma, onde várias instituições importantes são fundadas – a começar pela própria biblioteca dos papas – o modelo se expande pelas “províncias” como em Milão, e

³⁰ Barbier, 212.

³¹ Constantin, *Bibliothéconomie*, 11.

³² Ibid.

em breve no estrangeiro: esse modelo será de fato exportado de Roma e Milão para Paris na virada do século XVII.³³

No contexto francês, devido ao influxo de livros e a necessidade de controle da produção impressa, no século XVI, na França, se deu a criação do primeiro depósito legal e a primeira legislação exigindo de impressores e livreiros a obrigação de entregar junto ao bibliotecário Real uma cópia de qualquer livro impresso conhecida sob a imposição da *Ordonnance de Montpellier* de 1537.³⁴

No contexto da Inglaterra, temos exemplos de coleções privadas que foram doadas para funcionarem com utilidade pública, conforme o desejo do doador.

Por exemplo, a *Bodleian Library* de Oxford, foi doada por Thomas Bodley (1545-1613) – “ex-aluno da Magdalen College” e “diplomata de Elizabeth I” – no início do século XVII Bodley notou a desorganização das bibliotecas de Oxford causadas pela Reforma anglicana, decidindo portanto em engajar-se na “refundação delas” transfere seu acervo pessoal inteiro.³⁵

Em 1620 já estaria na segunda publicação impressa de seu catálogo em língua inglesa.³⁶

Avançados quase 200 anos, a título de exemplo, encontramos um caso, dentre muitos semelhantes, em que ocorreu a migração de bibliotecas inteiras para outros locais, quando do fim de regimes tradicionais na Europa, por exemplo: “quando os mosteiros alemães foram dissolvidos em 1802-3, seus livros e manuscritos foram, em muitos casos, enviados a bibliotecas laicas, como a bávara Staatsbibliothek em Munique.”³⁷

³³ Barbier, 220-221.

³⁴ Quinn, [xxi].

³⁵ Barbier, 210.

³⁶ Quinn, xxi. O catálogo Bodleiano é também considerado o primeiro catálogo de bibliotecas a ser impresso, desde 1605.

³⁷ Burke, *Da Enciclopédia à Wikipédia*, 44-45. As bibliotecas Jesuítas, quando não destruídas, tiveram dispersões semelhantes.

Em resumo os movimentos de formação de bibliotecas se caracterizam por decisão legislativa, transferência cultural, alternância de tipologia, doação, compra, ou, às vezes, incorporações, com a mudança de regime político, constituindo-se assim, a formação ou fundação de bibliotecas, de um modo geral.³⁸

Vale ressaltar que, conforme seus status mudam, mudam-se também suas tipologias, exigem-se novas formas de contato com o público e, por sua vez, a reorganização dessas coleções e adaptação do bibliotecário aos novos materiais e assuntos, implicando na reorganização e divulgação de catálogos bibliográficos, como veremos a seguir.

III. Organização de catálogos e bibliografias

Sobre catálogos e bibliografias, iniciemos pelo catálogo:

“O catálogo é um dos instrumentos mais antigos das bibliotecas. A palavra se origina do grego: *kata* (‘de acordo com’, ‘sob’, ‘em baixo’ ou ‘parte’) e *logos* (‘ordem’, ‘razão’). Assim, a palavra ‘catalogo’ pode significar ‘subjacente à razão’ ou ‘de acordo com a razão’, correspondendo à palavra de origem latina ‘classificar’.”³⁹

Essa noção de correspondência, entre as palavras catalogar e classificar, também foi observada a partir do seu verbete *Bibliography*:

O termo bibliografia se refere ao estudo dos livros. A bibliografia enumerativa (ou sistemática) é a listagem de livros de acordo com algum plano, e, sendo assim, desenvolve-se como um caminho para controlar informação registrada.⁴⁰

³⁸ Barbier, 215. Ver também, Burke, *Da Enciclopédia à Wikipédia*, 44-45.

³⁹ Mey, *Introdução à catalogação*, 8.

⁴⁰ Quinn, 54. Tradução nossa.

Em seguida, a autora faz menção ao poeta e gramático Calímaco (c. 310-243), o qual é imediatamente lembrado quando o assunto se trata da história da catalogação, referente à elaboração de tabelas sobre pessoas eminentes em todos os ramos do saber, mais conhecidas como *Pinakes* (tabelas), que, na opinião da autora: "serviam ambas como uma bibliografia e um catálogo de bibliotecas."⁴¹

Entretanto, vale deixar registrado que também no século XVI, houve a criação de bibliografias com sentido universal, por exemplo, as produzidas pelo suíço Conrad Gesner, tido como o "primeiro a publicar uma bibliografia moderna."⁴²

Conrad Gesner (1516-1565) – foi um "médico de Zurique e naturalista, fez grandes contribuições à bibliografia, e: "Recebeu um doutorado em medicina pela Universidade de Basel e foi indicado professor de física no *Collegium Carolium* (antiga Universidade de Zurich)."⁴³

Gesner, por outro lado, costuma ser lembrado na história da catalogação pela publicação *Bibliotheca universalis* como a: "[...] primeira tentativa de produzir um registro abrangente de obras [e escritos] de autores [gregos, latinos e hebreus] e a primeira bibliografia organizada de acordo com um sistema de classificação."⁴⁴

Gesner parece ter utilizado a palavra *bibliotheca* alternando-a com a ideia de ordem universal ou classificação. Contudo, acredita-se que o termo bibliografia, parece ter sido utilizado primeiramente por Naudé.

⁴¹ Ibid.

⁴² Ibid., 123.

⁴³ Ibid. Gesner também é conhecido pelos seus trabalhos no campo da botânica, linguística e zoologia, o qual é igualmente lembrado pelo trabalho pioneiro *Historiae Animalium*.

⁴⁴ Quinn, 10. Essa descrição nos interessa pois se aproxima ao conceito de biblioteca de Naudé sobre a ordem que convém dar aos livros e por sua vez de Constantin sobre as bibliotecas em geral, que similarmente, de maneira similar expressou a mesma ideia de Naudé.

Por exemplo, Gabriel Naudé (1600-1653), no campo da história da bibliografia, não propriamente na história das bibliotecas, é tido como o primeiro a vincular a palavra bibliografia ao se referir aos catálogos.⁴⁵

E, além da cunhagem do termo “bibliografia”, Naudé parece ter provocado uma modificação semântica entre os termos bibliotheca/bibliografia:

O início da tradição da bibliografia já pôde ser observado no período da Renascença e do Humanismo. Um outro passo é dado agora pela cunhagem do próprio termo, G. Naudé, *Bibliographia politica* (Veneza, 1633). Ela resulta da sinonímia semântica e da alternância biblioteca/bibliografia e, na verdade, enriquece a idéia da literatura com um novo termo (e uma nova definição), um termo destinado a uma grande carreira, particularmente na área germânica nos séculos XIX e XX.⁴⁶

De certo modo, tanto os catálogos quanto as bibliografias são antes de mais, produtos da necessidade de facilitar a organização, utilização e localização de livros e materiais equivalentes reunidos ou dispersos.

Assim, podemos apresentar outro exemplo, relacionado mais diretamente com o contexto do comércio nas feiras de livros onde se percebeu a necessidade de divulgação das provisões impressas para antecipar ao mercado livreiro nas feiras de Frankfurt a Leipzig, nos séculos XVI e XVII, respectivamente.⁴⁷

Os editores foram aos poucos adquirindo a necessidade de “publicar seus catálogos com maior frequência. Muitas vezes, mesmo, os imprimiram no final dos livros que publicavam. Mas tais catálogos individuais não podiam bastar.”⁴⁸

Essas iniciativas aos poucos foram sendo incorporadas como necessidades nacionais.

Há inúmeras bibliografias publicadas no século XVII, algumas delas incluem: *Bibliographia Gallica* de 1648, *Bibliographie de la France* até 1654.

⁴⁵ Ramirez, “Bibliotecário,” 221-236.

⁴⁶ Marino. 163. Tradução nossa.

⁴⁷ Febvre & Martin, 330

⁴⁸ Ibid., 332.

No contexto da Inglaterra, *Catalogue of Most Vendible Books in England* a partir de 1657 entre outros.⁴⁹

Cabe aqui uma nota sobre os leilões do século XVII feitos a partir de bibliotecas de pessoas célebres no mundo das letras, cujos espólios eram costumeiramente preparados em formato de catálogo por bibliógrafos livreiros e publicados:

“A primeira venda desse tipo que se conhece é a que o livreiro Cristovam Poret fez da biblioteca de Marnix de Saint-Aldegonde em Leiden, em 1599. O sistema do leilão tornou-se então rapidamente de uso geral na Holanda, onde os Elzevier presidiram muitas vezes a tais vendas durante a segunda metade do século, e difundiu-se na Alemanha, na Inglaterra e também na França, no início do XVIII.”⁵⁰

Embora a partir do século XVII e durante o século XVIII, torne-se cada vez maior a distinção entre os dois conceitos: catálogo e bibliografia, a necessidade da classificação para facilitar a utilização parece ser uma exigência para ambos.

Há um caso que gostaríamos de destacar, na história da biblioteconomia – termo que analisaremos mais adiante –, está relacionado com uma espécie de canonização de um sistema de classificação de bibliotecas desde o século XVII e passará a ser conhecido como o sistema parisiense, ou, as cinco grandes classes.⁵¹

De acordo com estudos sobre reclassificação de bibliotecas e arquivos municipais na França da historiadora Lara J. Moore, no período entre 1838-1848: “[...] a maioria das bibliotecas públicas continuavam a organizar suas coleções de acordo com as ‘cinco grandes divisões’ desenvolvidas no século XVII: teologia, jurisprudência, ciências e artes, belas-letas e história.”⁵²

⁴⁹ Ibid.

⁵⁰ Ibid. 335.

⁵¹ Moore, 68.

⁵² Moore, 107.

Ao que tudo indica, foi criado por um padre jesuíta em 1678. Garnier, como é conhecido, estabelecerá um catálogo de aproximados 30 mil volumes a partir da experiência de reclassificação do Colégio de Clermont, sua tabela de classificação foi intitulada: *Systema Bibliothecae Collegi Parisiensis*⁵³.

Aliás, no Brasil, por volta de 1850, o regulamento da Biblioteca Pública da Bahia irá recomendar a utilização do: "Sistema Francês ou Sistema dos Livreiros de Paris".⁵⁴

*

A seguir buscaremos apresentar o conceito de biblioteconomia em segundo a perspectiva de Constantin.

Vale deixar registrado que o momento histórico em que o termo aparece publicado em um manual de organização de livros e bibliotecas é conhecido por ser a da mecanização da imprensa.

A partir de 1830 aumentam-se a tiragem dos livros e periódicos por subscrição, mais tipografias são criadas, multiplicam-se as livrarias (*book shops/librairies*) e bibliotecas são criadas, aumentam, crescem e se fundem na Europa e América.

É também conhecido pela profissionalização dos livreiros editores, do aumento do alfabetismo no Ocidente, principalmente no contexto franco-britânico e germânico, numa palavra: "o mundo de impressão que Gutemberg conheceu resistira por quase quatro séculos; mas, após 1830, ele se tornou irreconhecível."⁵⁵

⁵³ Barbier, 206.

⁵⁴ Soares, et al. orgs., *Biblioteca Pública da Bahia*, 47.

⁵⁵ Lyons, 98, 132.

IV. Biblioteconomia (e suas traduções) a elaboração de um conceito

Conceituar biblioteconomia implica, necessariamente, a definição de biblioteca. É possível que o modo como se percebe o conceito de biblioteca possa modificar o sentido de biblioteconomia.

Por exemplo, Frédéric Barbier em seu livro *A História das Bibliotecas*, na perspectiva do léxico como meio histórico, parte do princípio de que a palavra biblioteca, tal como “empregada todos os dias e ‘sem pensar’ [...] constitui também [...] uma via de acesso muito significativa para a história dos discursos, do pensamento e das ideias.”⁵⁶

Nosso pressuposto, entretanto, é de que todos os caminhos levam para a organização de livros e outros materiais em algum lugar, de alguma forma e para alguém.

Podemos começar refletindo que a gestão sobre aquilo que se conhece se dá a partir de uma aproximação aos objetos portadores de conhecimento (pessoas ou coisas).

Em um arquivo, a noção recai sobre princípios de organicidade e proveniência, enquanto que, a museologia, recai, em grande parte, na elaboração de uma memória contextual sobre determinado construto e, essa leitura emprestada ao objeto, implica em organizá-lo narrativamente para outro.⁵⁷

Contudo, de certa forma, esses conceitos se misturam ou se alternam dependendo da maneira como são vinculados pelos seus agentes. Entretanto, a ideia de organização como facilitação de utilização, de um jeito ou de outro, como pressuposto, sempre se retoma.

⁵⁶ Barbier, 15.

⁵⁷ Gob & Drouet, *Muséologie*, 121-154. Ver também Rousseau & Couture, *Fundamentos da Disciplina Arquivística*, 62.

Sobre essa noção de facilitar a utilização de livros e bibliotecas acreditamos estar relacionada a elaboração de um conceito em biblioteconomia.

A seguir buscaremos apresentar o conceito de biblioteconomia segundo a perspectiva de L.-A. Constantin.

*

O conceito de Biblioteconomia em Constantin

Até onde se sabe, o primeiro livro a utilizar a palavra biblioteconomia no título é o *Bibliothéconomie: Instructions sur l'Arrangement, la Conservation et l'Administration des Bibliothèques*, publicado em Paris, 1839, pela livraria J. Techener.⁵⁸

Dois anos após a 1ª edição, esse mesmo trabalho – como veremos no capítulo 2, sobre a difusão –, será aumentado em 1841. Vale ressaltar que na abordagem a seguir utilizaremos como referência a 2ª edição do trabalho de Constantin.

Indo para uma análise mais interna observamos que a palavra biblioteconomia somente é tratada pelo autor no prefácio. A biblioteconomia segundo a descrição Constantin foi colocada da seguinte forma:

“Eu procurei apresentar aqui, sobre a *Biblioteconomia* – este conjunto de administração, do mecanismo do manuseio de bibliotecas e de seu material – algumas visões fundadas em uma convicção adquirida por longa prática, na esperança de que esse pequeno volume possa ser de alguma utilidade [...].”⁵⁹

Entretanto, uma busca maior pelo termo em outras partes da segunda edição notamos que no sumário aumentado, no tópico sobre as bibliotecas em

⁵⁸ Jacques Techener (1802-1873) foi um livreiro e bibliófilo, cofundador do *Bulletin du bibliophilie* com Charles Nodier (1780-1844) em 1834. Ele conseguiu prosperar com a entrada da década de 1830 na França, após a chamada Revolução de Julho, que restituiu valores liberais, dentre eles a liberdade de imprensa, assegurada por carta constitucional. Ver Sorel & Leblac, *Librairie Française*, 130.

⁵⁹ Constantin, *Bibliothéconomie*, 3-4. Grifo do autor. Tradução nossa.

geral, o termo aparece na seguinte frase: “Nécessité absolue de la bibliothéconomie.”⁶⁰

Embora no texto não esteja o termo de maneira explícita, a partir da leitura nos aproximarmos mais da ideia que o autor tinha sobre isso que chamou de a “necessidade absoluta da biblioteconomia”, colocado da seguinte forma:

“Para que a reunião de um grande número de livros mereça o nome de biblioteca, é preciso que eles sejam classificados conforme algum sistema, arranjados de maneira útil e observados com cuidado. O principal meio para fazer uma biblioteca realmente útil, é o de poder satisfazer o mais prontamente e o mais facilmente possível as pesquisas literárias; e, para que isso seja alcançado, é preciso ter bons catálogos e uma disposição racional dos livros.”⁶¹

Vale aqui deixar registrado que nossa leitura em busca do termo *bibliothéconomie* no texto de Naudé nos permitiu verificar alguma proximidade com a definição supracitada por Constantin, à noção de merecimento do nome biblioteca, tal como se pode ler no capítulo “A ordem que convém dar-lhes” nesse local:

“[O]s livros são colocados e mantidos [...] unicamente para prestar um serviço quando necessário. No entanto, sua utilização será impossível se não estiverem arrumados e dispostos de acordo com seus diversos assuntos, ou de alguma outra forma que nos permita encontra-los facilmente no lugar indicado. Afirmo, ademais, que, sem essa *ordem* e esse *arranjo*, esse amontoado de livros, por maior que seja, nem que fosse cinquenta mil volumes, não mereceria o nome de biblioteca.”⁶²

Contudo, embora no texto de Constantin o trabalho de Naudé não tenha sido explicitamente citado, o livro de Naudé fazia parte da biblioteca de Constantin e achava-se, inclusive classificado em seu espólio abaixo da classe *Bibliothéconomie* juntamente com *Systèmes Bibliographiques*: “138. Advis pour

⁶⁰ Ibid., [249].

⁶¹ Constantin *Bibliothéconomie*, 9.

⁶² Naudé, *Conselhos*, 68. Grifo nosso.

dresser une bibliothèque; par G. Naudé. Paris, Targa, 1627. petit in-8, parch,” contendo logo abaixo da referência a seguinte nota: “Adicionamos um retrato de G. Naudé, gravado por Forestier.”⁶³

A par dessas informações podemos concluir que Constantin conhecia o trabalho de Naudé e é bem provável que possa ter se inspirado nele para apresentar sua definição de biblioteca.

Entretanto, dado ao avanço do período, diferentemente de Naudé, que apresenta sua classificação como “a mais fácil, a menos complicada, a mais natural”, adotando as disciplinas, “teologia, medicina, jurisprudência, história, filosofia, matemática, humanidades e outras.” e indicando onde cada título ou autor deverá ser incluído, Constantin, por outro lado, não apresenta a “sua” ordem dos livros, ou algum sistema por ele criado de classificação.

Talvez, seja nesse sentido que o autor perceba a publicação de seu trabalho, no sentido mais didático, tal como se pode ler em seu prefácio sua justificativa “que somente na França apenas os bibliotecários ainda não possuem um *guia didático* nos seus trabalhos.”⁶⁴

Trabalhos tais que, segundo o autor, embora a bibliografia francesa tenha percorrido um longo caminho e alcançado o patamar das ciências, a parte técnica havia sido, em sua interpretação, desprezada pelos bibliógrafos. E o que, portanto, se tornava cada vez mais da ordem do dia, segundo Constantin era “a necessidade de pôr em ordem essas coleções e de torna-las seu uso mais cômodo e útil.”⁶⁵

E nesse sentido, talvez, os bibliotecários e não bibliógrafos, estritamente, seriam os encarregados desse tipo de trabalho técnico, o qual o autor descreveu brevemente como: “conjunto de administração, do mecanismo do manuseio de bibliotecas e de seu material.”⁶⁶

⁶³ Constantin, *Notice*, 19.

⁶⁴ Constantin, *Bibliothéconomie*, 2.

⁶⁵ *Ibid.*, 1, 6.

⁶⁶ *Ibid.*, 3.

Não seria possível nesse momento tratarmos de todos os capítulos e assuntos abordados pelo autor. Contudo, nossa busca pelo termo e o conceito de biblioteconomia nos mantêm alertas para algumas definições.

Uma definição que vale destacar e que abrange o conceito de biblioteconomia do autor é a do bibliotecário de uma biblioteca pública, preocupação maior do trabalho como um todo tal como se pode constatar a preocupação que Constantin teve tratar da administração de uma biblioteca pública, sua compatibilidade, deveres a cumprir em relação ao público e deste (o público) em relação à biblioteca.

Aliás, em vários momentos do texto, notamos que tanto no que se refere à organização dos livros como à administração e organização do local, Constantin utiliza a ideia de harmonia.

Por exemplo, sobre os conhecimentos que devem ser esperados de um bibliotecário de biblioteca pública o autor diz:

A ciência do bibliotecário de uma biblioteca pública é composta pelos conhecimentos, princípios e meios testados pela experiência, que ele deve empregar na direção do estabelecimento, que, sem *uma perfeita harmonia entre suas partes*, perde seu objetivo, utilidade e até valor, por mais preciosos que sejam.⁶⁷

Em outro momento a biblioteca organizada em harmonia com seu destino:

A existência, em qualquer lugar, de um grande número de livros empilhados em caixas ou prateleiras, não constitui uma biblioteca: esses livros a formarão apenas quando forem classificados, catalogados e organizados de maneira adequado para estudo; e uma biblioteca, pública ou privada, contenha um milhão ou algumas centenas de volumes, não pode ser útil a menos que seja organizada e administrada de acordo com um sistema que esteja em *harmonia com seu destino*.

Essa noção de harmonia também será notada em seus comentários sobre as classificações.

⁶⁷ Ibid., 22. Grifo nosso.

A imensa variedade de títulos apresenta a quem os transcreve um grande número de casos que os deixam ainda mais envergonhados e incertos quanto ao princípio a seguir em sua classificação, que muitas vezes é indiferente qual delas se adotará, é apenas uma questão de escolha. Para esse fim, é essencial seguir um passo invariável, especialmente em uma grande biblioteca, onde os trabalhos, compartilhados entre várias pessoas, devem ser feitos com *a perfeita harmonia em todas as suas partes*.⁶⁸

Já apresentamos acima a definição de biblioteca e sua organização, que segundo Constantin, e como já observado em Naudé, a noção de ordem aparece intimamente relacionada. Podemos passar agora para o tema das classificações apresentadas por Constantin.

Mencionamos rapidamente que Constantin não apresentou uma classificação própria, entretanto vale deixar registrado aqui sua opinião sobre a hierarquia entre as classes principais, segundo ele:

Se quiséssemos estabelecer um sistema em conformidade com o espírito de nosso tempo, seríamos forçados a ser heréticos o suficiente para não colocar mais a classe de *Teologia* em primeiro lugar, mas a classe de *História*, que serve como um guia para todas as nossas situações públicas e privadas [...].⁶⁹

Essa opinião de Constantin se baseia, muito provavelmente, em seu estudo sobre as classificações incluídas na segunda edição do *Bibliothéconomie* (1841) com cerca de 10 indicações de sistemas adotados por instituições europeias, e, em relação à França, Constantin nota que o sistema mais amplamente adotado, não foi o de Naudé, proposto em 1627 em seu *Advis*, mas sim o do padre J. Garnier. Nas palavras do autor:

⁶⁸ Ibid., 97-98. Grifo nosso.

⁶⁹ Ibid., 163.

Na França, o sistema mais geralmente adotado é o de P. J. Garnier, o primeiro que, neste país, usou esse sistema na organização da biblioteca do colégio de Clermont em Paris. Ele fez a exposição detalhada em seu *Systema bibliothecae collegii parisiensis*. Soc. J. 4 °. Paris. 1678, e o dividiu em cinco classes principais: Teologia, Jurisprudência, Ciências e Artes, Belas-Letras, História. O livreiro Gabriel Martin, durante sua longa carreira comercial (1705-1760), contribuiu particularmente para espalhar esse sistema em obras bibliográficas, escrevendo todos os seus catálogos de acordo com essa classificação; mas o primado pertence a George Willer, um livreiro em Augsburg, que, de 1554 a 1584, publicou anualmente, classificado por assunto, os catálogos dos livros que os livreiros da Alemanha trouxeram para a feira em Frankfurt-S. M.⁷⁰

O que mostra que Constantin estava cômico do processo histórico das classificações e sua relação com o universo livreiro. De maneira didática apresenta origens e dá créditos aos seus criadores e difusores.

Na relação abaixo reproduzimos os tópicos sobre os sistemas de classificação incluídos à segunda edição do *Bibliothéconomie* (1841):

“K. Classificação sistemática [...]

O sistema mais geralmente adotado na França;

Sistema da Biblioteca Real de Paris;

Sistema da biblioteca do Conselho do Estado organizada por A.A. Barbier;

Sistema adotado por M. Brunet, no seu Manual do livreiro;

Sistema adotado por M. Beuchot, no Jornal do livreiro;

Sistema de M. Marquês de Fortia d’Urban;

Tabela do entendimento humano de M. Regnault;

Sistema de Camus;

Sistema usado na Alemanha de M. Hinrichs em Leipzig;

Sistema usado na Alemanha de M. Schrettinger em Monique;

Sistema usado na Inglaterra.”⁷¹

⁷⁰ Ibid., 127.

⁷¹ Ibid., 260-261.

Observamos no texto que o autor além de acrescentar as tabelas ou sistemas de classificação, para cada uma, acrescentou comentários e questionamentos.

Não será possível abordarmos todas elas aqui, entretanto, seguindo o critério de relevância, algumas observações do autor podem ser indicadas.

Por exemplo, quando o autor se referiu a um sistema utilizado na Inglaterra, não apresentou nenhum que contivesse um título próprio ou responsável pela classificação, como quando indicado o da Alemanha de Martin Schrettinger, apenas considerou que:

Os ingleses, em sua classificação, adotam principalmente a ordem alfabética; alguns de seus catálogos são escritos por classes, divisões e subdivisões; e naqueles que são, adotam os mesmos princípios que dominam na França e com as mesmas variações.⁷²

Entretanto, enquanto os ingleses em suas bibliotecas utilizavam em parte, os princípios que dominavam na França, Constantin, por outro lado, mostra que o princípio da *Encyclopédie* adotado por Denis Diderot (1713-1784) e Jean d'Alembert (1717-1783) para a *Tabela de Entendimento Humano* seguiram "com algumas transposições leves, de acordo com o sistema de Bacon".⁷³

E esse sistema chamado então de enciclopédico, com a classificação de Francis Bacon (1561-1626) adotada inicialmente por Diderot e d'Alembert, Constantin apresenta uma tabela de classificação segundo os estudos enciclopédicos do *Introduction aux Etudes encyclopédiques*. 1 vol. 8°, Paris, 1798, de Regnault-Warin.

⁷² Ibid., 163.

⁷³ Ibid., 158.

Aliás, vale ressaltar que *Encyclopédie*, "almejava disseminar conhecimento atualizado sobre invenções científicas e as artes práticas, tornando processos e novas ideias acessíveis a qualquer leitor instruído."⁷⁴

Com esse dado é possível fazer uma ideia da influência dos trabalhos sobre bibliotecas e de publicações francesas fora da França.

A seguir apresentaremos nossa investigação em torno do nome de L.-A. Constantin, controvérsias em torno de seu trabalho e sobre a difusão de suas ideias fora da França.

⁷⁴ Lyons, 107.

Capítulo 2 – Sobre Constantin e a difusão do *Bibliothéconomie*

I. Quem foi L.-A. Constantin?

Sobre L.-A. Constantin, livreiro, bibliógrafo e tradutor.

As informações sobre L.-A. Constantin, autor do *Bibliothéconomie* são bastante escassas, tendo sido necessária uma extensa pesquisa para sabermos que seu nome incluía 'Hesse'. Dois bibliógrafos franceses, Joseph Marie Quérard (1797-1865) e Jules Ravenel (1801-1885), no entanto, podem ser considerados, até o momento, os que mais pesquisaram sobre nosso autor, no século XIX, na França.

De fato, sobre L.-A. Constantin paira um vulto de mistério, tornando difícil responder a questões importantes que propiciariam um melhor entendimento de sua trajetória: quais foram suas ligações em vida e como se deu o processo de difusão de sua obra?

Em nossas pesquisas iniciais não tínhamos ainda notícia da cidade de origem do nosso autor. Mas não se trata de desinformação apenas nossa. Veja-se que uma nota de catalogação na Biblioteca nacional da França (BnF) caracteriza-o como sendo desconhecido, supondo-o de origem holandesa ou germânica, e que havia vivido e trabalhado na França.⁷⁵

Jules Ravenel, nos deu a indicação da sua naturalidade, ao mencionar: "Hesse (Leopold-Auguste-Constantin), bibliógrafo, nasceu em Erfurt [atual capital da Turíngia, Alemanha Central] a 24 de junho de 1779, morreu em Paris a 16 de junho de 1844."⁷⁶

Do ponto de vista mais específico não encontramos nenhuma menção ao autor em dicionário de perspectiva histórica e técnica da área.⁷⁷

⁷⁵ "Léopold-Auguste Constantin (1779-1844)". Acessado em 21 de novembro de 2019. <https://data.bnf.fr/ark:/12148/cb15514946p>.

⁷⁶ Ravenel, "Hesse," 7.

⁷⁷ Dicionário de perspectiva histórica ver Quinn, *Historical Dictionary of Librarianship*. De perspectiva técnica ver Cunha & Cavalcanti, *Dicionário Brasileiro de Biblioteconomia e Arquivologia*.

Foi necessário, no entanto, colher algumas informações a respeito do 'misterioso' L.-A. Constantin em outros lugares. O termo 'misterioso', foi utilizado no verbete sobre "Library Literature" publicado na *Encyclopedia of Library History*, quando são mencionados manuais ou *handbooks* do século XIX para o ensino e práticas bibliotecárias voltados para a organização de bibliotecas e, onde se pode ler:

Na Europa o *handbook* ou manual foi a forma mais comum de literatura da biblioteca. Escritos como guias para a prática de bibliotecários, os manuais geralmente cobriam a seleção, a encomenda e a catalogação de livros e a organização dos prédios e funcionários da biblioteca. Alguns também incluíram descrições de esquemas de classificação e listas de bibliografias. Inúmeros manuais apareceram durante o século 19 e os mais conhecidos tiveram várias edições e traduções. Por exemplo, o *Bibliothéconomie* (2ª ed. 1841) de L.A Constantin, pseudônimo para o misterioso Leopold Auguste Constantin Hesse, foi traduzido em alemão e espanhol.⁷⁸

Pelos caminhos do nome "Leopold Auguste Constantin Hesse" em busca de aspectos biográficos, encontramos um cartaz eletrônico intitulado *Nine Old and Rare Books on Libraries* do antiquário Charles Wood de Cambridge, Massachusetts. Uma nota de rodapé escrita ao lado do *Bibliothéconomie* de L.-A. Constantin apontava para uma nova fonte: *Les Supercheries Littéraires Dévoilées* de Joseph Marie Quérard publicado em 1869.

Ao analisarmos a fonte *Supercheries Littéraires Dévoilées* de 1869-70 chegamos a outra publicação de Quérard, mais antiga, *Auteurs Déguisés* de 1845, indicando, a possibilidade, de Quérard e L.-A. Constantin terem se conhecido, visto que a publicação saiu um ano após a morte de Constantin.

Portanto, de acordo com J.-M. Quérard, alguns dados biográficos sobre L.-A. Constantin foram indicados: "Hesse, ex-livreiro de Amsterdã, morreu em 1844, funcionário do Sr. Panckoucke, pai."⁷⁹

⁷⁸ Stenstrom, "Library Literature," 369. Destaques da autora. Tradução nossa.

⁷⁹ Quérard, *Auteurs Déguisés*, 25. Seu filho foi Charles-Louis-Fleury Panckoucke nascido (1780-1844), foi um escritor, impressor, livreiro, editor, tradutor e editor francês.

Charles-Joseph Panckoucke (1736-1798) foi um famoso escritor e editor francês setecentista, segundo Robert Darnton, responsável por numerosas publicações influentes no contexto francês, incluindo a revista literária *Mercur de France* e a *Encyclopédie Méthodique*, cuja publicação é considerada uma continuação da *Encyclopédie* por Denis Diderot.⁸⁰

Entretanto, J.-M. Quérard se contradiz em publicação posterior ao informar que “Hesse morreu alguns anos antes de seu chefe,” o qual, a considerar as datas de falecimento dos Panckouckes, não poderia ter sido o Panckoucke pai, e sim, o filho, como se pode ler na citação encontrada sob o verbete “PANCKOUCKE (C.-L.-F).”⁸¹

Ainda segundo J.-M. Quérard:

L.-A.-C. Hesse, autor de “Bibliothéconomie (que teve a honra de duas edições), publicado sob o nome de Constantin, foi contratado por Panckoucke vários anos antes deste pensar em se apresentar como filólogo, tradutor de Tácito.”⁸²

Apesar das contradições de datas de falecimento apresentadas por Quérard, ainda é possível supor que Constantin tenha trabalhado com os dois Panckouckes, pai e filho.

Não obstante, há ainda algumas informações estranhas que precisam ser verificadas com mais cuidado antes de qualquer argumento conclusivo.

Cabe aqui uma consideração: no ano da morte de Charles-Joseph Panckoucke, o pai, consideradas as possibilidades de que Constantin tenha sido de fato seu funcionário, em 1798 ele teria então 19 anos.

Entretanto, segundo os editores Delft, Glas, & Salman, no início do século XIX, Constantin estaria em Amsterdam, trabalhando como livreiro.⁸³

⁸⁰ Darnton, *Bohemia literária e Revolução*, 82. Ver também Oliveira, *Fascinante História Do Livro*, 335; ver também Moraes, *Livros e Bibliotecas no Brasil Colonial*, 15-23.

⁸¹ Quérard, *Supercheries*, 3: 21-23.

⁸² *Ibid.*, 22.

⁸³ Contudo, os editores divergem em relação à data de falecimento de Constantin indicando o ano de 1884 como o de falecimento, confira em Delft, Glas, & Salman, eds., *Book History*, 145.

Nesse caso, portanto, não é possível ser muito conclusivo se de fato L.-A. Constantin tenha trabalhado para Panckoucke pai, dado que J.-M Quérard parece cometer alguns enganos, como por exemplo, dizer que Hesse tenha morrido alguns anos antes do filho de Panckoucke, sendo que tanto L.-A. Constantin quanto Charles-Louis-Fleury Panckoucke morreram em 1844.

De qualquer forma pode ter ocorrido um erro tipográfico, visto que há uma pequena diferença de dias em relação à morte entre um e outro: ao que tudo indica L.-A. Constantin morreu em 16 de junho de 1844 e C.-L.-F. Panckoucke em 11 de julho de 1844.

Até o momento, essas são as informações de dispomos sobre Constantin e o caminho acima ilustra as dificuldades em obtê-las.

II. Controvérsias envolvendo seu trabalho

O objetivo deste tópico é apresentar aspectos da controvérsia entre Namur e Constantin, em torno do fato de que o conteúdo do *Bibliothéconomie* (1ª ed., 1839) foi copiado em várias partes por P. Namur e incluído no prefácio do seu livro *Projet d'Un Nouveau Système Bibliographique des Connaissances Humaines* de 1839.

Antes de mais, quem foi P. Namur?

Jean Pie Namur (1804-1867), mais conhecido por P. Namur, de acordo com suas publicações era "Dr. Em Filosofia e Letras, conservador-adjunto da Real Biblioteca de Bruxelas."⁸⁴

Namur publicou vários trabalhos sobre organização de livros e bibliotecas, incluindo seu próprio *Manuel du Bibliothécaire* de 1834,⁸⁵ e seu *Bibliographie*

⁸⁴ Namur, *Projet*, folha de rosto.

⁸⁵ Aliás, trabalho lembrado por Edson Nery da Fonseca em *Introdução à Biblioteconomia*, 22.

Paléographico-Diplomatico-Bibliologique Générale, ou Répertoire Systématique de 1838 e seu *Projet d'Un Nouveau Système Bibliographique des Connaissances Humaines* de 1839.⁸⁶

Contudo, é em relação ao seu *Projet* que conseguimos recuperar uma narrativa que envolveu acusações a Namur por parte de bibliotecários em periódicos estrangeiros e, inclusive, uma carta contendo o reconhecimento de Namur a Constantin por copiado várias frases do *Bibliothéconomie*.

Sobre as partes copiadas, Namur alegou aos críticos apenas ter “emprestado” algumas frases para compor o prefácio de seu *Projet* e, que, no entanto, esqueceu de reconhecer o autor original.⁸⁷

Quanto às partes “emprestadas” do *Bibliothéconomie* e incluídas no *Projet* verificamos que nem mesmo as notas inseridas no rodapé para complementar o *Projet* foram poupadas por P. Namur.⁸⁸

Quanto ao conhecimento da contrafação feita por Namur, de maneira geral, é bem provável que Constantin tenha se dado conta, somente após os apontamentos feitos pelo bibliógrafo Herman Ludewig e publicados no *Serapeum*, em 31 de julho de 1840, mesmo ano que a primeira tradução alemã do *Bibliothéconomie* foi anunciada a 15 de janeiro de 1840.

Os apontamentos estão publicados no texto que traduzimos como “empréstimos literários” no qual Ludewig expõe em duas colunas página a página as indicações das frases copiadas por Namur de Constantin. O excerto abaixo apresenta um trecho da fala de Ludewig.⁸⁹

A propósito, que respeito o Sr. Namur deve ter pelo seu público, pelo público, quando ele se produz com uma imparcialidade ingênua como um corsário literário! Realizações promissoras anteriores não podem justificar tal procedimento, e as críticas mais severas são recebidas pelo homem, que, como ele poderia fornecer algo de sua autoria, prefere

⁸⁶ Os dois trabalhos também faziam parte da biblioteca de Constantin, ver *Notice*, 14, 21.

⁸⁷ Foi a partir das notas bibliográficas de J.-M. Querard em seu *Supercheries Littéraires Dévoilées*, que encontramos menção à essa contrafação que sofreu o *Bibliothéconomie* em Bruxelas.

⁸⁸ Ver Namur, [i]-xii.

⁸⁹ Ludewig, “Litterarische CreditVerhältnisse,” 1: 213-215. Tradução nossa.

adornar-se com penas estranhas, através do livro bastante corajoso e bem-intencionado de Constantin para seus leitores mostrar um caleidoscópio e, infelizmente, transferir a ideia de uma nova fábrica apresentada por Walter Scott à bibliografia. Que o Sr. Namur em breve conserte esse pecado literário com um produto eficiente próprio!⁹⁰

Com relação a Hermann Ludewig, autor do texto supracitado, vale deixar registrado que o mesmo já havia publicado um livro, ainda no mesmo ano, intitulado *Zur Bibliothekonomie*, de Dresden. Em seu prefácio escrito pelo editor Carl Heinrich Gärtner, a data referida é de 24 de junho de 1840.⁹¹

Indicando, de certo modo, o interesse que Ludewig já havia dedicado ao trabalho de Constantin.

Portanto, pela leitura do texto de Ludewig e pela análise por ele apresentada, julgamos desnecessário aqui apresentar um exame demorado das partes copiadas, uma vez que o outro autor já o fizera.⁹²

Contudo, com relação ao texto do *Projet*, o qual localizamos no catálogo da Gallica, da Biblioteca Nacional da França (BNF) constatamos além de uma carta escrita por Namur em reconhecimento a Constantin, inúmeras marcações glosam o prefácio do livro digitalizado indicando blocos de textos copiados do *Bibliothéconomie* (1839) e publicadas no *Projet* também de (1839).

Entretanto, em relação à controvérsia das datas sabemos pela segunda edição do *Bibliothéconomie* de 1841, que a primeira edição foi publicada, a 15 de janeiro de 1839.⁹³

⁹⁰ Ludewig, 215.

⁹¹ O livro *Zur Bibliothekonomie* também fazia parte da biblioteca de Constantin, confira em *Notice*, 20. Estudos sobre a atuação de Herman Ludewig indicam que o autor foi um bibliógrafo germano-americano e que viveu entre 1809-1856 e, dentre suas contribuições, incluem um primeiro relatório detalhado sobre as bibliotecas dos Estados Unidos, ver mais em Ladenson, "Hermann Ernst Ludewig, 126.

⁹² Ludewig, 214-215.

⁹³ Esta data só no ano seguinte à nova edição dos Manuais-Roret foi impressa logo abaixo do prefácio, contendo inclusive após o *post scriptum* do autor a data impressa da nova edição, também contendo o mês e ano, referente à edição atual "Paris, 31 [de] agosto [de] 1840." Confira em Constantin, *Bibliothéconomie*, 4.

E, por outro lado, com relação a data de publicação do *Projet* de Namur, encontra-se também ao final de seu prefácio a seguinte informação: "Bruxelas, 25 [de] julho [de] 1839."⁹⁴

Portanto, a partir do que foi constatado em cada material a publicação de Namur é posterior ao original de Constantin.

A seguir segue a explicação a partir do entendimento de Quérard, sobre a própria fala de Namur em sua defesa e, em seguida reproduzimos a imagem da carta manuscrita de Namur (fig. 1) a qual foi posteriormente anexada ao *Projet*:

Sr. J. Ravenel, curador assistente da Biblioteca Real de Paris, comprou na venda de Hesse uma cópia do "Projeto de um novo sistema de bibliografia" do Sr. J-P. Namur, *em que Hesse havia indicado com muito cuidado todas as passagens que o bibliografista belga lhe emprestara e são, graças a Deus, bastante numerosas. Os empréstimos do Sr. J.-P. Namur compõem quase inteiramente o prefácio do qual decorou seu "Projeto de um novo sistema bibliográfico". Observamos, em homenagem às cartas, que, na própria Bélgica, esse processo não parecia muito delicado. Quanto ao filósofo, ele julgou tudo de maneira diferente, como veremos na seguinte carta, endereçada por ele ao Sr. Hesse (não é preciso dizer que mantemos fielmente estilo e ortografia):*⁹⁵

⁹⁴ Namur, xii.

⁹⁵ Quérard, *Supercherie Littéraires Dévoilée*, 779. Grifo nosso.

Fig. 1 – Carta de Namur para Constantin (15.4.1840)

(continua)

Brux. le 15, 4, 40.
rep. 17. Avril 1840. —

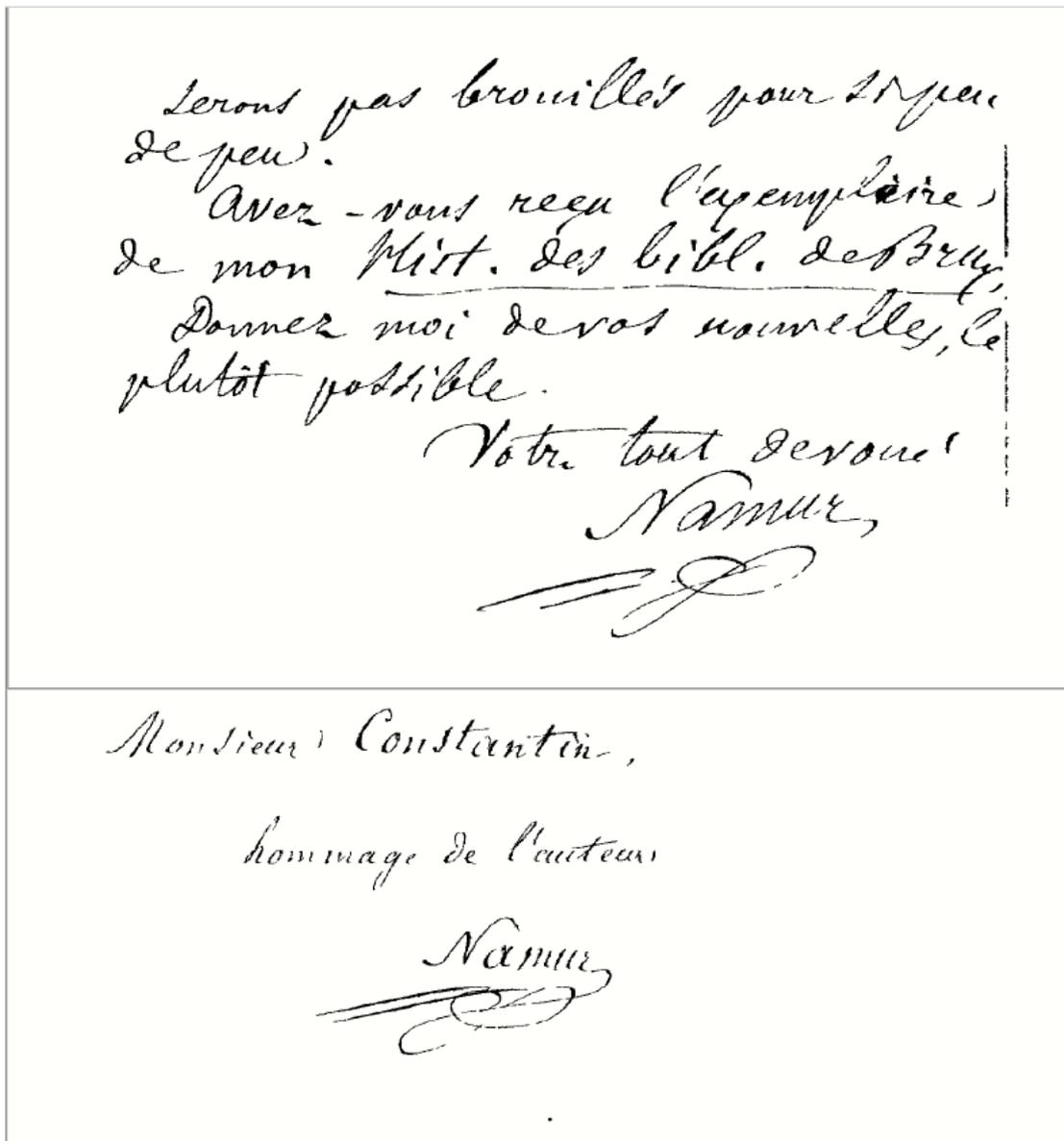
Mon cher confrère,

 L'emprunt de quelques unes de
des phrases de votre estimable *Bibliographie*
(*théorie*) a fourni l'occasion à mes
ennemis de me traiter comme plagiaire.
Il est vrai, j'aurais dû vous citer, mais
je ne pensais pas qu'en prenant des
phrases détachées (qui exprimaient si
bien les idées que je voulais introduire
dans la préface de mon système
Bibliographique) pour les intercaler
dans ~~la~~ la préface d'un ouvrage
distinct du vôtre, pouvait être un
véritable plagiat. D'ailleurs les phra-
ses empruntées sont des préceptes, des
regles de *Bibliographie* que tout
écrivain doit emprunter s'il veut
exprimer la même idée.

Je sais d'avance que cela ne peut
vous faire aucun tort ni en France,
ni en l'étranger, car tout le monde
sait que notre ouvrage a paru le
premier, et j'espère que vous ne

Fig. 1 – Carta de Namur para Constantin

(conclusão)



Fonte: Ibid.

Com relação às contrafações, caberia ainda um estudo mais aprofundado para entendermos melhor essa interação de permuta de originais entre editores e livreiros na primeira metade do século XIX, e desse modo, extrair mais dados

sobre temas controversos como o plágio e contrafação em um cenário envolvendo livreiros-editores e autores.⁹⁶

Gostaríamos de considerar um último ponto antes de fecharmos esse tópico: a carta.

De acordo com Quérard, quando o espólio de Constantin foi à leilão em 1845, a compra do livro *Projet* listado e da carta – a propósito, não listada e nem mencionada em nota – feita pelo “conservador-adjunto da Biblioteca Real de Paris”, o bibliotecário J. Ravenel, segundo Quérard, este passou a ser o possuidor da carta e do livro assinalado por Constantin.⁹⁷

Contudo, suspeitamos que J. Ravenel não teria adquirido o livro de Namur e a carta sem conhecimento, e que, talvez, não teria feito a compra para uso pessoal, e sim para a própria Biblioteca Real de Paris, pois, não parece ser por acaso que, tanto a carta quanto o *Projet* assinalado por Constantin, fazem parte atualmente do acervo digital da Gallica (BnF).

Além do mais, J. Ravenel, achando interessante dar notícia dessa controvérsia publicou o conteúdo da carta, ainda em 1845, no jornal *Bibliographie de La France*.⁹⁸

*

Objetivamos no próximo capítulo sobre a difusão traçarmos duas linhas: uma que indique as principais interações relacionadas mais diretamente com trabalho de Constantin e outra que visa reconhecer suas ideias em outros lugares, como, por exemplo, Grã-Bretanha.

⁹⁶ Aliás, o silêncio de Constantin, com relação a esse fato, parece encontrar resposta na segunda edição do *Bibliothéconomie* de 1841 em que constatamos que as palavras plágio e furto foram acrescentadas ao texto novo, as quais não figuravam na primeira edição. Ver Constantin, 112. Sobre o problema histórico das contrafações e plágios uma primeira abordagem foi feita em Oliveira, *Fascinante História do Livro*, 308.

⁹⁷ Quérard, 778.

⁹⁸ Ravenel, 7-8.

III. Difusão do trabalho e a busca do conceito em outros lugares

Já mencionamos nesse trabalho que o *Bibliothéconomie* de Constantin foi originalmente publicado em Paris, em 1839, pela livraria J. Techener e modificado em 1841.

Essa modificação pode ser interpretada como um primeiro sinal da difusão do trabalho de Constantin.

Pois, a partir dela constatamos um aumento, de certo modo, proporcional às interações que a primeira edição fez com outros profissionais da área interessados na organização de livros e bibliotecas e na estatística de bibliotecas públicas.

A começar pela mudança no título: *Bibliothéconomie, ou, Nouveau Manuel Complet pour l'Arrangement, la Conservation et l'Administration des Bibliothèques* de 1841. Tal título, chamado modernamente de alternativo, em função da partícula "ou", caracteriza, de certo modo, a influência da coleção dos Manuais Roret.

Sobre os Manuais Roret, segundo Estelle Servier-Crouzat: "foram publicados de 1822 a 1939. Com quase 400 títulos, esta coleção editorial constituiu uma enciclopédia de habilidades e técnicas profissionais de grande variedade."⁹⁹

Entretanto, cabe aqui apresentarmos aqui algumas considerações técnicas para melhor situarmos as publicações.

O livreiro-impressor J. Techener responsável pela primeira publicação do *Bibliothéconomie* utilizou o formato in-12, ou, duodécimo, aproximadamente 19x13 cm, o qual, queira-se dizer, já era um formato pequeno, pela digitalização disponível, acham-se numeradas 132 páginas.

⁹⁹ Servier-Crouzat, "Manuels Roret"; idealizador da coleção: "Nicolas-Edme Roret (1797-1860)."
Ver os Manuais Roret ver também Beltran "Manuais Práticos," [140]-146.

Por outro lado, a edição de *La Librairie Encyclopédie de Roret*, em termos de difusão material, utilizou uma estratégia diferente.

Agora com 266 páginas numeradas, além de uma inserção maior de figuras, a coleção dos Manuais Roret empregou um tamanho ainda menor, o formato in-18, "conseguido pela dobragem de uma folha para produzir 18 folhas e 36 páginas com aproximadamente 16x10 cm", tamanho esse que, de acordo com Martyn Lyons, foi "muito usado em romances do século XIX".¹⁰⁰

Portanto, pode-se dizer que foi com esse formato que o *Bibliothéconomie, ou, Nouveau Manuel Complet pour l'Arrangement, la Conservation et l'Administration des Bibliothèques* teve sua publicação continuada.¹⁰¹

Em termos de continuidade podemos elencar aqui um dos elementos essenciais para tomar, pelo menos, conhecimento da existência de um trabalho intelectual, sua divulgação em periódicos especializados.

Num primeiro momento observamos que o trabalho de Constantin foi inicialmente traduzido em alemão a partir da 1ª edição de 15 de janeiro de 1839 e anunciado no *Serapeum* a 15 de janeiro de 1840, exatamente um ano após o término da primeira versão.¹⁰²

Aliás, antes de prosseguirmos trazendo autores que entraram em contato com essa tradução alemã ou que de outro modo publicaram no *Serapeum* cabe aqui situarmos um pouco a respeito desse periódico:¹⁰³

"começado em 1840 por Emil Robert Wilhelm Naumann, professor escolar e bibliotecário da cidade de Leipzig, Alemanha. Subtítulo: *Revista de Ciência da Biblioteca, Informações sobre Manuscritos e Literatura*

¹⁰⁰ Lyons, 214.215.

¹⁰¹ A coleção *Forgotten Books* que tem reproduzido impressões de livros do século XIX, com relação ao *Bibliothéconomie* (1841) o formato está aproximadamente 23x16, o equivalente ao in-8, o que não condiz com o formato octodécimo da obra quando analisada a partir de seu contexto original.

¹⁰² Weber, ed., "Anzeigen etc. Bibliothéconomie." 6.

¹⁰³ De maneira simbólica o termo *Serapeum* evoca também à Biblioteca de Alexandria localizada no templo da cidade de Alexandria em homenagem ao deus da cidade Serapeum. Também chamada de Biblioteca Filha por ser uma extensão da Biblioteca do Museu. Ver Flower, *Biblioteca de Alexandria*, [180]-184.

Antiga, o periódico foi publicado quinzenalmente e abordava o acervo de manuscritos, novas aquisições, mudanças de pessoal e resenhas de livros sobre bibliotecas ou bibliotecas. A publicação cessou em 1870.”¹⁰⁴

Foi nesse periódico especializado que a tradução do trabalho de Constantin foi inicialmente anunciada.

Vale ressaltar que em seu *Bibliothéconomie* publicado pelos Manuais Roret, Constantin reconheceu o público bibliófilo a boa acolhida ao seu trabalho – não obstante parecer de bom tom fazer essa medida visto que Techener, o primeiro editor, era além de livreiro também bibliófilo.¹⁰⁵

Contundo, como veremos a seguir, a acolhida da 1ª edição, não foi unânime, tal como indica a crítica feita por Julius Petzholdt (1812-1891).

Petzholdt, então bibliotecário municipal de Dresden, publicou em 1841 no *Serapeum* uma crítica de cinco páginas sobre a tradução alemã feita a partir da primeira edição do *Bibliothéconomie* (1839).

Em resumo, segundo Petzholdt, Constantin havia ignorado autores alemães que trataram de maneira mais completa o tema, e citou como exemplo Friedrich Adolph Ebert *Die Bildung der Bibliothekars* de 1820.

Em seguida acusou-o de preconceito unilateral por ter colocado a bibliografia francesa como uma área que havia chegado à perfeição na França, e, portanto, alcançado o patamar das ciências e da literatura.

Petzholdt também estranhou a falta de um repertório padrão na apresentação dos tópicos, apontou a ausência do tratamento sobre manuscritos – que aliás era uma das temáticas do *Serapeum* – e, sobretudo, de uma certa incompletude no livro de Constantin, ainda que tivesse ligeiramente atenuado em relação ao cuidado na escrita, não deixou também de verificar que Constantin não tinha esmiuçado quase nada sobre a *classificação sistemática*.

¹⁰⁴ Quinn, 207.

¹⁰⁵ Constantin, *Bibliothéconomie*, 4. Sobre atuação de Techener ver Sorel & Leblac, 130.

Foram, basicamente estas as afirmações – dentre algumas expressões pouco elogiosas – que dão o tom da crítica do bibliotecário de Dresden¹⁰⁶

Ainda com relação ao teor da crítica localizamos um breve colóquio sobre a fala de Constantin no *Manuel de Bibliothéconomie*:

A análise de PETZHOLDT no *Serapeum*, a. II, p. 59-63. PETZHOLDT é obviamente muito dura quando escreve que o livro de CONSTANTIN é "um livro absolutamente insuficiente e indigno a ser introduzido nesta Alemanha que produziu tantos livros melhores sobre o mesmo assunto". O autor, cujo nome verdadeiro era Léopold-Auguste-Constantin HESSE, reconheceu, com tanto tato e modéstia, a superioridade dos livros alemães quando escreveu para o editor da tradução alemã. "No entanto, [o livro] foi escrito apenas para a França, onde esse guia estava faltando, e não para a Alemanha, que possui, nos trabalhos de Ebert, Molbech, Schrettinger, Kaiser e outros, os melhores modelos. do gênero". ZOLLER também acha o julgamento de PETZHOLDT "muito amargo". 25 anos após sua aparição, o livro de Constantin ainda foi traduzido para o espanhol por Dionísio HIDALGO.¹⁰⁷

O trecho supracitado nos dá uma ideia melhor a partir da opinião de outros bibliotecários. E nos indica a tradução de Don Dionísio Hidalgo. Entretanto, antes de abordarmos a tradução castelhana, vale expor aqui uma consideração a respeito de uma possível resposta de Constantin à Petzholdt.

Não constatamos em nossas investigações no *Serapeum*, principalmente, nenhuma réplica de Constantin dirigida a Julius Petzholdt.

Contudo, o que se observa, em relação a uma possível resposta de Constantin, é o lado prático dele em responder as críticas recebidas a partir da própria obra, o *Bibliothéconomie*. Pois praticamente o que foi reclamado à crítica de Petzholdt, Constantin aceitou e melhorou seu trabalho.

¹⁰⁶ Petzholdt, "Bibliothéconomie," 2: 59-63.

¹⁰⁷ Graesel, *Manuel de Bibliothéconomie*, 24. Tradução nossa. Aliás, vale deixar registrado a tradução alemã quanto os artigos publicados no *Serapeum* entre 1840 e 1842 também faziam parte da biblioteca de Constantin, entretanto, só foi possível constatar a tradução alemã referente à 2ª edição, de 1842. Ver Constantin, *Notice*, 12, 20.

Dizemos isso, a julgar pela revisão e o aumento de páginas, bem como dos tópicos acrescidos sobre Incunábulos, Manuscritos, Autógrafos e Medalhas, sem contar seu "*Essai D'Une Statistique Des Bibliothèques Publiques Dans L'Étranger* (1839.)", o qual, segundo Ravenel, parece ter sido destinado a compor a edição precedente aos Manuais Roret, como se pode ver pela data em parênteses.¹⁰⁸

Falemos um pouco da tradução do *Biblioteconomía, ó, Nuevo Manual Completo para el Arreglo, la Conservación y la Administración de las Bibliotecas*.¹⁰⁹

De acordo com a página de rosto de 1865 podemos ler: "*traducido del francés al castellano y adicionado por D. Dionísio Hidalgo*."¹¹⁰

Talvez, e dizemos aqui de maneira muito remota, essa tradução pode ter sido a que mais tenha aproximado o termo de Constantin ao vocabulário de língua portuguesa.¹¹¹

Observamos também que à tradução de Don Dionísio Hidalgo (1809-1866) – bibliógrafo espanhol –, no ano seguinte, em 1866, foi adicionado um *Apéndice à la Biblioteconomía de Mr. Constantin* escrito por D. Eugenio Borão, *del cuerpo de Archiveros-Bibliotecarios*.¹¹²

*

A seguir, como uma segunda linha de pesquisa na esteira da difusão das ideias de Constantin, bem como, de possíveis contribuições com outros trabalhos, apresentaremos o reconhecimento do conceito apresentado por Constantin no contexto da Grã-Bretanha, mais precisamente a partir de Londres entre 1848 a 1859.

¹⁰⁸ Constantin, *Bibliothéconomie*, 183. Ver também Ravenel, 8.

¹⁰⁹ A princípio havíamos "esbarrado" nessa tradução desde 2018 quando ainda estávamos colhendo informações em bases catalográficas, o qual encontramos a partir do trabalho de remissivas da British Library.

¹¹⁰ Hidalgo, trad., *Biblioteconomía*, 1.

¹¹¹ Contudo, vale deixar registrado que, em nossas investigações pelos caminhos do termo em dicionários, localizamos, na 6ª edição do *Diccionario da Língua Portuguesa*, 327, de Antonio de Moraes Silva o acréscimo do termo "Bibliothéconomie" atribuído ao filólogo Agostinho de Mendonça Falcão em 1858, entretanto, sem citar o nome de Constantin.

¹¹² Borão, *apéndice*, [97]-175.

A busca do conceito de biblioteconomia em Edward Edwards (1812-1886)¹¹³

Antes de mais, é pertinente apresentarmos aqui uma breve contextualização temática a título de situarmos o leitor em relação ao motivo de buscarmos a difusão do conceito de Constantin, por assim dizer, no contexto da Inglaterra, ou mais propriamente, no meio anglófono.

Em um primeiro momento de nossas investigações sobre os antecedentes da palavra biblioteconomia, partindo do contexto brasileiro, tudo parecia sugerir que a palavra biblioteconomia, tal como falamos e escrevemos no Brasil desde 1911 – guardadas, é claro, as diferenças de reforma ortográfica – fosse uma tradução direta de *library economy*, uma vez que este termo já vinha sendo utilizado desde a segunda metade do século XIX.¹¹⁴

Aliás, já havíamos identificado sua utilização na classificação proposta pelo bibliotecário novaiorquino Melvil Dewey (1851-1931) desde sua primeira publicação de 1876 como: “19 Library economy and Reports”.¹¹⁵

Essa era nossa pista principal até que, em consulta à biografia de Dewey encontramos uma informação em nota indicando que Dewey, em 1872, havia lido o *Memoirs of Libraries: Including a Handbook of Library Economy (London, 1859)* de Edwards em 1872.¹¹⁶

Aliás, cabe ressaltar que, até um determinado momento da nossa busca pelos termos equivalentes *library economy* e *bibliothéconomie* para estabelecermos qual termo teria sido o termo derivado, a partir do trabalho *Restoring Order* de Lara J. Moore (em que tratava do tema da fundação da École

¹¹³ Sobre a atuação de Edwards no Movimento por Bibliotecas Públicas no contexto britânico a partir de meados do século XIX ver Quinn, 105, 190 e Murison, *Public Library*, 13-14. Ver também Grogan, *Prática do Serviço de Referência*, 25.

¹¹⁴ Assim pensávamos porque o termo *library science* apresentava-se mais destacado a partir dos idos de 1930. Com relação à data de 1911, refere-se ao decreto nº 8835 no qual entre várias medidas regulamentou o primeiro curso de “Biblioteconomia” no Brasil a ser sediado na Biblioteca Nacional.

¹¹⁵ Dewey, *Classification*, 13.

¹¹⁶ Wiegand, *Biography of Melvil Dewey*, 18.

de Chartes e seguindo a pista deixada por César Castro de que o primeiro curso de biblioteconomia havia se originado nessa escola de Paris em 1821) localizamos uma menção ao *Bibliothéconomie* (1ª ed., 1839) de Constantin no contexto entre 1838-1848 relacionado com a reclassificação de bibliotecas municipais no contexto francês.¹¹⁷

A partir desse ponto passamos a focar nossas buscas sobre os trabalhos de Edwards.

Vale ressaltar que já tínhamos consultado exaustivamente o *Memoirs*, e mais precisamente, o *Handbook of Library Economy*, mas, como não foi encontrada nenhuma menção à Constantin no trabalho Edwards tínhamos já poucas esperanças de que Edwards tivesse, pelo menos, conhecido Constantin.

Contudo, após uma longa pesquisa no índice do *Serapeum* em inglês, no longo período sua duração que vai de 1840 a 1870, localizamos um documento que, até então, ainda não tínhamos conhecimento: *A Statistical View Of The Principal Public Libraries In Europe And America* (1848).

A partir desse documento verificamos a resposta de algumas de nossas premissas.

Por exemplo, num primeiro momento, a aproximação de Edwards com o termo *Oeconomy*, como se pode ver na figura 2, um termo de maneira similar ao utilizado – e ainda na mesma década – no trabalho de Constantin de 1839 e 1841.

¹¹⁷ Moore, 107. Ver também sobre a École de Chartes em Castro, *História da Biblioteconomia Brasileira*, 48-50.

Fig. 2 – *A Manual Historical and Practical*

Preparing for publication, in one volume royal 8vo, with numerous engraved plans, diagrams, fac-similes, and other illustrations,

A MANUAL,
HISTORICAL AND PRACTICAL,
ON THE FORMATION,
ORGANIZATION AND ECONOMY
OF
PUBLIC LIBRARIES,
AND MORE ESPECIALLY OF
LIBRARIES OF PRINTED BOOKS.
BY EDWARD EDWARDS, Esq.
OF THE BRITISH MUSEUM.

Em seguida a uma consulta mais detalhada ao *Statistical View*, localizamos duas informações pertinentes à nossa busca, uma é a confirmação de que Edwards consultou o trabalho de Constantin. Em nossa checagem às fontes utilizadas por Edwards, eis que confirmamos no índice de autoridades a entrada: “L.A. Constantin (Hesse)”, e, no texto as seguintes linhas:

No que diz respeito às bibliotecas alemãs, fiz um uso considerável do artigo, intitulado *Verzeichniss der wichtigsten Bibliotheken Deutschlands*, nas *Bibliopolisches Jahrbuch* de 1841; do Dr. Petzholdt, *Anzeiger der*

Bibliothekswissenschaft; de muitos artigos valiosos no Serapeum acima mencionados; e do falecido Constantine Hesse, o *Essai d'une Statistique des Bibliothèques d'Etranger*, publicado em Paris em 1840. Este ensaio parece ter sido compilado com muita pesquisa e discrição, e é singularmente livre desse manifesto exagerado de números, tão observável na maioria dos trabalhos que tratam desse assunto.¹¹⁸

Outra informação pertinente se refere ao que segue informado no apêndice (fig. 3) em que se vê uma nota indicando uma possível bibliografia de "obras pré-existentes sobre *bibliothecal oeconomy*", expressão que, tal como se pode notar, guarda extrema equivalência com conceito de *bibliothéconomie* de Constantin.

Desse modo, e, a par do que foi localizado e apresentado até aqui, é possível concluirmos, que Edward Edwards, para a produção da sua *Statistical View* de 1848, não só utilizou o *Essai* de Constantin, como provavelmente consultou o *Bibliothéconomie* para elaboração das bases de seu *Handbook of Library Economy*, a julgar pela informação encontrada referente à consulta de trabalhos "pré-existentes" sobre *bibliothecal oeconomy*, dentre os quais, ao que tudo indica, o trabalho de Constantin é um deles.

¹¹⁸ Edwards, "A Statistical View," 256. Tradução nossa.

Fig. 3 – “Bibliothecal oeconomy” em *A Manual* de Edward Edwards

APPENDICES :

I. On the study of bibliography, and on some of the helps and appliances for its cultivation.

→ II. Bibliographical and critical notices of pre-existing works on bibliothecal oeconomy.

III. Statistical tables of the principal public libraries of Europe, and of the United States of America ; with a particular comparison of the advantages in this kind afforded to students, in the several cities of Paris, Munich, Copenhagen, Berlin, Vienna, Petersburgh, and London.

IV. Historical note on the origin and progress of the existing Public Libraries of Great Britain and Ireland.

V. Suggestions on the desirability of increasing the number of public libraries in London, and of founding other public town and parochial libraries in Great Britain and Ireland.



Fonte: Edwards, "A Statistical View."

Considerações Finais

Uma área do conhecimento e uma carreira estão associadas ao termo biblioteconomia e muito já se escreveu abordando vários de seus aspectos históricos, dada sua relevância quando se trata de bibliotecas, sua organização e gestão. Assim, nesse campo, à primeira vista, nada mais haveria a ser estudado ou dito. No entanto, o levantamento e estudo da documentação sobre o tema nos mostrou que ainda havia – e há – muito a ser feito e esta dissertação se dedica a algumas de suas facetas.

Para esta pesquisa pareceu-nos importante revisitar alguns autores que trataram do assunto, buscando, por um lado desfazer alguns equívocos sobre a origem do termo e, por outro, entender o processo de elaboração de um conceito presente em textos sobre bibliotecas e suas coleções.

O autor central desta pesquisa foi L.-A Constantin, uma vez que, até onde se sabe, seu *Bibliothéconomie*, publicado em 1839 é a primeira publicação que traz o termo no título. Com isso, verificamos em sua obra, a constituição de um conceito, buscando compreender quais seriam, para Constantin, os vários aspectos da organização de uma biblioteca.

Buscamos ainda, verificar como outros autores abordaram o assunto, tanto em períodos anteriores, como posteriores.

No caso de autores de períodos anteriores, queríamos, por um lado compreender como o assunto da organização de bibliotecas era tratado, para em seguida tentar reconhecer as fontes implícitas e explícitas de Constantin. Por outro, tentar eliminar alguns equívocos em relação ao termo *bibliothéconomie*, sendo um deles a atribuição de seu uso a Gabriel Naudé, praticamente dois séculos antes de Constantin. Nossa pesquisa mostrou que o termo não aparece na obra de Naudé publicada em 1627, ainda que, como muitas outras até à época

de publicação do *Bibliothéconomie* por Constantin trate de vários aspectos relativos a livros numa biblioteca.

Relativamente à época posterior à publicação do *Bibliothéconomie* por Constantin, nossa pesquisa propiciou o levantamento de documentos pouco explorados em seu conjunto. Com isso, pudemos expor algumas controvérsias a respeito da obra principal do autor tendo como objetivo perceber um cenário geral da difusão do seu trabalho, ao mesmo tempo em que se buscava entender a composição do próprio livro.

As controvérsias diziam respeito por um lado, à apropriação das ideias de Constantin por outros autores e, por outro, a como outros estudiosos do período viam seu trabalho e o criticavam por não o considerar original.

Na tentativa de compreender a composição da obra de Constantin, resolvemos ir ao encontro do que teria sido a biblioteca do autor, exposta na relação de livros do espólio do autor: *Notice des livres la plupart relatifs à la bibliographie composant*. O resultado se mostrou compensador, pois permitiu localizar na sua biblioteca vários dos livros que devem ter-lhe dado suporte para escrever o *Bibliothéconomie*.

De todo modo, pelo trabalho realizado até agora e até informação em contrário, tudo indica que o termo foi criação de Constantin, mesmo que muitas das ideias expostas em sua obra tenham ligações com autores de períodos anteriores e mesmo de sua época.

Outro aspecto interessante apontado por esta pesquisa diz respeito a como as articulações de Constantin ao pensar a organização de bibliotecas, difundem a outros países (a partir da França) e ganham outras denominações, transformando-se, elas mesmas em outras expressões que guardam certa ligação com a expressão original e também com seu significado.

Bibliografia

"Constantin, L.-A." In *WorldCat Identities*. Dublin: OCLC, c2019. Acessado em 30 de novembro de 2019. <https://www.worldcat.org/identities/lccn-nb2005009161/>.

"Edwards, Edward 1812-1886." In *WorldCat Identities*. Dublin: OCLC, c2019. Acessado em 30 de novembro de 2019. <http://www.worldcat.org/identities/lccn-n50024454/>.

"Léopold-Auguste Constantin (1779-1844)." *BnF Data*. Acessado em 21 de novembro de 2019. <https://data.bnf.fr/ark:/12148/cb15514946p>.

"Namur, Jean Pie 1804-1867." In *WorldCat Identities*. Dublin: OCLC, c2019. Acessado em 30 de novembro de 2019. <http://www.worldcat.org/identities/lccn-no2017150368/>.

"Nicolas-Edme Roret (1797-1860)." *BnF Data*. Acessado em 12 de dezembro de 2019. <https://data.bnf.fr/12886368/nicolas-edme-roret/>.

"Petzholdt, Julius 1812-1891." In *WorldCat Identities*. Dublin: OCLC, c2019. Acessado em 30 de novembro de 2019. <http://worldcat.org/identities/lccn-n85145663/>.

Abbagnano, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Alfonso-Goldfarb, A. M. "Documentos, Métodos e identidade em História da Ciência: Centenário Simão Mathias." *Circumscribere* 4 (2008): 5-9. Acessado em 20 de outubro de 2018. <https://revistas.pucsp.br/circumhc/article/view/679>.

Alfonso-Goldfarb, A. M., & Maria H. R. Beltran, orgs. *Escrevendo a História da Ciência: Tendências, Propostas e Discussões Historiográficas*. São Paulo: Educ; FAPESP; Livraria da Física, 2004.

- Alfonso-Goldfarb, Ana M., & Márcia H. M. Ferraz. "Raízes Históricas da Dificil Equação Institucional da Ciência no Brasil." *São Paulo em Perspectiva* 16, nº 3 (2002): 3-14. Acessado em 6 outubro de 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88392002000300002>.
- Alfonso-Goldfarb, Ana M., Silvia Waisse, & Márcia. H. M. Ferraz. "From Shelves to Cyberspace: Organization of Knowledge and the Complex Identity of History of Science." *Isis* 104, nº 3 (setembro 2013): 551-60. Acessado em 15 de janeiro de 2017. <http://doi.org/10.1086/673274>.
- Alonso, Ângela. *Ideias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- Anderson, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- Araújo, Carlos Á. *Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação: o diálogo possível*. Brasília: Briquet de Lemos, 2014.
- Araújo, Emanuel. *A Construção do Livro*. Revisão e atualização Briquet de Lemos. Prefácio Antônio Houaiss. 2. ed. rev. e atual. Briquet de Lemos. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- Bachelard, Gaston. *A Psicanálise do Fogo*. Trad. Paulo Neves. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- Baratin, Marc, & Christian Jacob, dir. *O Poder das Bibliotecas: a Memória dos Livros no Ocidente*. Trad. Marcela Mortana. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.
- Barbosa, Alice P. *Novos Rumos da Catalogação*. Rio de Janeiro: BNG: Brasilart, 1978.
- Battles, Matthew. *A Conturbada História das Bibliotecas*. Trad. João Vergílio Gallerani Cuter. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003.
- Bellotto, Heloísa L. *Arquivos Permanentes: Tratamento Documental*. 4 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2007.
- Beltran, Maria H. R. "Divulgação de Conhecimentos Sobre as Artes e as Ciências: Os Manuais Práticos." In *Anais do XIV Reunião da Rede de Intercâmbios para História e Epistemologia das Ciências Químicas e Biológicas (RIHECQB)*, org. Maria H. R. Beltran, & José Luiz Goldfarb, [140]-146. São Paulo: CESIMA; Editora Livraria da Física, 2004.

- Beltran, Maria H. R. "História da ciência e história do livro: O papel da imagem como registro de conhecimentos sobre a natureza e as artes na primeira modernidade." *Circumscribere* 15 (2015): 8-18.
- Bescherelle. *Dictionnaire National, ou, Grand Dictionnaire Classique de La Langue Française*. T. 1. Ed. Simon. Paris: Che Simon, 1845. Acessado em 10 de outubro de 2018. https://books.google.com.br/books?id=BH-5r0kEGMsC&printsec=frontcover&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false.
- Biblioteca Nacional (Brasil). "Regulamento da Bibliotheca Nacional: Decreto n. 8835, de 11 de julho de 1911. Direitos autoraes: Lei n. 496, de 1 de agosto de 1868, e Instruções de 11 de junho de 1901. Remessa de obras impressas: Decreto legislativo n. 1825, de 20 de dezembro de 1907 e Instruções de junho de 1 de Junho de 1908." *Annaes da Bibliotheca Nacional* 33, (janeiro-dezembro 1911): 332-366. Publicação sob a administração de Manoel Cicero Peregrino da Silva.
- Blainey, Geoffrey. *Uma Breve História do Mundo*. 2 ed. rev. atual. São Paulo: Fundamento educacional, 2007.
- Borão, Eugenio. Apêndice para *Biblioteconomía*, de L.-A. Constantin, trad. Don Dionísio Hidalgo, [97]-175. Madrid: Imprenta de las Escuelas Pias. Acessado em 2 de dezembro de 2019. <https://archive.org/details/biblioteconomia00boragoog>.
- Buckland, Michael. "Information Schools: A Monk, Library Science, and the Information Age Information Schools." In *Manuscript for Humboldt University students' book project: Bibliothekswissenschaft – quo vadis? = Library Science – Quo vadis?* ed. by Petra Hauke, 19-32. Munich: K. G. Saur, 2005. Acessado em 15 de março de 2018. <http://people.ischool.berkeley.edu/~buckland/huminfo.pdf>.
- Buonocore, Domingo. *Diccionario de Bibliotecologia: Términos Relativos a la Bibliología, Bibliografía, Bibliofilia, Biblioteconomía, Archivología, Tipografía y Materias Afines*. 2. ed. aum. Buenos Aires: Ediciones Marymar, 1976.
- Burke, Peter. *Uma História Social do Conhecimento: Da Enciclopédia à Wikipédia*. Trad. Denise Bottmann. Publicação. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- Burke, Peter. *Uma História Social do Conhecimento: De Gutenberg a Diderot*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

- Bury, Richard de. *The Love of books The Philobiblon*. Newly Trad. E. C. Thomas, London: Alexander Moring The De La More Press, 1903.
- Butler, *Introdução à Ciência da Biblioteconomia*. Rio de Janeiro: Lidador, 1971.
- Butler, Pierce. *An Introduction to Library Science*. Chicago, Illinois: The University of Chicago, 1933.
- Canfora, Luciano. *A Biblioteca Desaparecida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- Canguilhem, Georges. "Le Rôle de l'Epistemologie dans l'Historiographie Scientifique Contemporaine". In: *Idéologie et Rationalité dans l'Histoire des Sciences de la vie*. Paris: J. Vrin, 1993, 11-29. (Tradução: *Ideologia e Racionalidade na História das Ciências da Vida*. Lisboa: Edições 70, 1977).
- Casson, Lionel. *Bibliotecas no mundo antigo*. Trad. Cristina Antunes. São Paulo: Vestígio, 2018.
- Castro, César. *História da Biblioteconomia Brasileira*. Brasília: Thesaurus, 2000.
- Cavallo, Guglielmo, & Roger Chartier, orgs. *História da Leitura no Mundo Ocidental*. 2 vols. São Paulo: Ática, 1998.
- Chartier, Roger. "Do Códice ao Monitor: A Trajetória do Escrito." *Estudos Avançados* 8, nº 21 (1994): 185-197. Acessado em 9 de fevereiro de 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141994000200012>.
- Chartier, Roger. *A Aventura do Livro: do Leitor ao Navegador*. São Paulo: Unesp, 1998.
- Código de Catalogação Anglo-Americano*. 2ª ed. São Paulo: FEBAB, 2005.
- Coelho, Ricardo C. *Os Franceses*. São Paulo: Contexto, 2010.
- Comte, Auguste. *Curso de Filosofia Positiva*. Trad. José Artthur Gianotti e Miguel Lemos. São Paulo: Nova Cultural, 2005.
- Constantin, L.-A. *Biblioteconomía, ó, Nuevo Manual Completo para el Arreglo, la Conservacion y la Administracion de las Bibliotecas*. Trad. Dionísio Hidalgo. Madrid: Imprenta de las Escuelas Pias, 1865.

- Constantin, L.-A. *Bibliothéconomie, ou, Nouveau Manuel Complet pour l'Arrangement, la Conservation et l'Administration des Bibliothèques*. Nouvelle éd. Paris: A la Librairie Encyclopédique de Roret, 1841. Acessado em 20 de outubro de 2019. [ark:/12148/bpt6k5484356t](https://nbn-resolving.org/urn:nbn:br:arxiv-12148-bpt6k5484356t).
- Constantin, L.-A. *Bibliothéconomie: Instructions sur l'Arrangement, la Conservation et l'Administration des Bibliothèques*. Paris: J. Techener, [15 de janeiro de] 1839. Acessado em 26 de novembro de 2019. [ark:/13960/t6349fz22](https://nbn-resolving.org/urn:nbn:br:arxiv-13960-t6349fz22).
- Constantin, L.-A. *Essai d'Une Statistique des Bibliothèques Publiques des Pays Étrangers de l'Europe*. Paris: A la Librairie Encyclopédique de Roret, 1841. Acessado em 20 de outubro de 2019. <https://bit.ly/2RMIPLi>.
- Constantin, L.-A. *Notice des livres la plupart relatifs à la bibliographie composant le cabinet de feu M. L.-A. Constantin*. Paris: Chez Delion, Librairie, 1845.
- Cossette, André. *Humanism and Libraries: An Essay on the Philosophy of Librarianship*. Trad. Rory Litwin. Duluth, Minnesota: Library Juice Press, 2009.
- Cronin, Blaise. "Pierce Butler's An Introduction to Library Science: a tract for our times?: A review article." *Journal of Librarianship and Information Science* 36, 183-188. 10.1177/0961000604050571.
- Cunha, Antônio G. da C. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2ª ed. rev. e acresc. 2001.
- Cunha, M. Bastos da, & Cordélia R. de O. Cavalcanti. *Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia*. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2008. Acessado em 11 de dezembro de 2019. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/34113>.
- Cunha, Murilo B. da, & Cordélia R. de O. Cavalcanti. *Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia*. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2008.
- Darnton, Robert. *A Questão dos Livros: Passado Presente e Futuro*. Trad. Daniel Pellizari.
- Darnton, Robert. *Boemia literária e revolução: o submundo das letras no Antigo Regime*. Trad. Luís Carlos Borges. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- Darnton, Robert. *O iluminismo como negócio: história da publicação da Enciclopédia, 1775-1800*. Trad. Laura Teixeira Motta, & Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

- Darnton, Robert. *Os best-sellers proibidos na França pré-revolucionária*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- Delaunay, Guillaume. "La Place de la Bibliothéconomie dans L'Organisation des Connaissances et les Classifications." In *Mémoire d'études Master Livre et Savoirs, sous la direction de Gérard Régimbeau*. Villeurbanne: École Nationale Supérieure des Sciences de l'Information et des Bibliothèques, 2009. Acessado em 16 de outubro de 2018. <https://www.enssib.fr/bibliotheque-numerique/documents/48579-la-place-de-la-bibliotheconomie-dans-l-organisation-des-connaissances-et-les-classifications.pdf>.
- Delft, Marieke T. G. E. van, Frank de Glas, & Jeroen Salman, ed. *New Perspectives in Book History: Contributions From the Low Countries*. Zutphen [Netherlands]: Walburg Pers, 2006.
- Dewey, Melvil. "The Profession," *American Library Journal* (September 30, 1876), 5-6.
- Dewey, Melvil. *A Classification and Subject Index for Cataloguing and Arranging the Books and Pamphlets of a Library*. Amherst: Kingsport Press, 1876.
- Dewey, Melvil. *Decimal Classification & Relative Index*. Lake Placid Club, N.Y.: Forest Press. 1942.
- Dias, Antônio C. *O ensino da biblioteconomia no Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado, 1955.
- Edwards, Edward. "A Statistical View of the Principal Public Libraries in Europe and the United States of North America." *Journal of the Statistical Society of London*, Vol. 11, No. 3 (Aug., 1848), pp. 250-281. Acessado em 10 de dezembro de 2019. <https://www.jstor.org/stable/2337957>.
- Edwards, Edward. *Memoirs of Libraries: Including a Handbook of Library Economy*. Vol. 2. London, Trübner & Co., 1859. Acessado em 10 de outubro de 2018. <https://archive.org/details/memoirslibrarie06edwagoog/page/n12>.
- Escarpit, Robert. *A Revolução do Livro*. Rio de Janeiro: FGV, 1976.
- Febvre, Lucien, & Henry-Jean Martin. *O Aparecimento do Livro*. Trad. Fulvia M. L. Moretto, Guacira M. Machado. São Paulo: Unesp, 2017.

- Ferraz, Márcia H. M. "A Classificação das Ciências na Biblioteca do Conde da Barca." *Circumscribere* 19 (junho 2017): 34-49. Acessado em 19 de agosto de 2018. <http://dx.doi.org/10.23925/1980-7651.2017v19;p134-49>.
- Flower, Derek A. *Biblioteca de Alexandria: As Histórias da Maior Biblioteca da Antiguidade*. São Paulo: Alexandria, 2002.
- Fonseca, Edson N. da. *Introdução à Biblioteconomia*. São Paulo: Livraria Pioneira, 1992.
- Foulcault, Michel. *As Palavras e as Coisas: Uma Arqueologia das Ciências Humanas*. 10ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.
- Goulemot, Jean Marie. *O Amor às Bibliotecas*. São Paulo: Unesp, 2011.
- Graesel, Arnim. *Manuel de Bibliothéconomie*. Trad. de Jules Laude. Paris: H. Welter, 1897. Acessado em 19 de agosto de 2019. <https://archive.org/details/manueldebiblioth00grae>.
- Grogan, Denis. *A Prática do Serviço de Referência*. Trad. Antonio Agenor Briquet de Lemos. Brasília: Briquet de Lemos, 1995.
- Labarre, Albert. *História do livro*. Trad. Maria Armanda Torres e Abreu São Paulo: Cultrix. 1981.
- Ladenson, Alex. "Hermann Ernst Ludewig, 1809-56: Bibliographer." *The Library Quarterly: Information, Community, Policy* 14, no. 2 (1944): 126-31. Acessado em 26 de fevereiro 26. www.jstor.org/stable/4303216.
- Lardet, Pierre. Citado em *História das Bibliotecas*, trad. Regina S. Campos (São Paulo: Edusp, 2018), 137.
- Laude, Jules, trad. Avan-propos para *Manuel de Bibliothéconomie*, de Arnim Graesel, [v]-vi. Paris: H. Welter, 1897.
- Le Coadic, Yves-François. *A Ciência da Informação*. 2ª ed. Trad. Maria Yêda F.S. de F. Gomes, 12-16. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.
- Leal, Augusto S. d'A. B. de Pinho. *Portugal Antigo e Moderno, Dicionário*. Vol. 7. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, 1876.
- Lemos, Antônio A. B. de. *De Bibliotecas e Biblioteconomias: Percursos*. Brasília: Briquet de Lemos, 2015.

- Lentino, Noêmia. *Guia Teórico, Prático e Comparado dos Principais Sistemas de Classificação Bibliográfica*. São Paulo: Polígono, 1971.
- Linares Columbié, Radamés. "La Bibliotecología en dos tiempos." *Revista Cubana de Información en Ciencias de la Salud* 26, n. 4, (2015). Acessado em 24 10 2018. <http://www.acimed.sld.cu/index.php/acimed/article/view/788/520>.
- Ludewig, Hermann. "Litterarische CreditVerhältnisse." *Serapeum* 1, n° 14 (1840): 213-215.
- Lyons, Martyn. *Livro: Uma história Viva*. Trad. São Paulo: Senac, 2011.
- Manguel, Alberto. *A biblioteca à noite*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- Manuel du Libraire, du Bibliothécaire et de L'Homme de Lettres: Ouvrage Très-Utilile Aux Bibliophiles et a Tous Ceux qui Achètent des Livres*. Par un libraire [Pierre Chaillot?]. ark:/12148/bpt6k15184364.
- Marino, Adrian. *The Biography of "the Idea of Literature": From Antiquity to the Baroque*. Trad. Virgil Stanciu, Charles M. Carlton. Albany, NY: State University of New York, 1996.163.
- Martin, André. "Henri Lemaître." *Bibliothèque De l'École Des Chartes*, vol. 107, no. 1, 1947, 169–171. Acessado em 14 fevereiro de 2020. www.jstor.org/stable/43010659.
- Martins, Wilson. *A Palavra Escrita*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2002.
- McCrimmon, Barbara. *Power, politics, and print: the publication of the British Museum catalogue, 1881-1900*. Hamden, Conn: Linnet Books, 1981.
- McGarry, Kevin J. *O Contexto Dinâmico da Informação: Uma Análise Introdutória*. Trad. Helena Vilar de Lemos. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.
- Mcluhan, Marshall. *A Galáxia de Gutenberg: a Formação do Homem Tipográfico*. São Paulo: Nacional, 1972.
- McMurtrie, Douglas C. *O Livro: Impressão e Fabrico*. Trad. Maria Luísa Saavedra Machado, pref. e notas Jorge Peixoto. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, [1965].
- Mello, José B. *Síntese Histórica do Livro*. Rio de Janeiro: Leitura, 1972.

- Mey, Eliane S. A. *Introdução à Catalogação*. Brasília: Briquet de Lemos, 1995.
- Milanesi, Luís. *Biblioteca*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- Moore, Lara J. *Restoring Order: The Ecole des Chartes and The Organization of Archives and Libraries in France, 1820-1870*. Duluth, Minnesota, Litwin Books, LLC: 2008.
- Moraes, Rubens B. "Da Semana de Arte Moderna à Fundação da Escola Livre: no Calor de 1932." In *Anos de Formação: 1933-1953: Depoimentos*, org. Iris Kantor, Débora A. Maciel, & Júlio Assis Simões. 2ª ed. São Paulo: Sociologia e Política, 2009.
- Moraes, Rubens B. de. *Livros e bibliotecas no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.
- Moraes, Rubens B. de. *O problema das bibliotecas brasileiras*. 2. ed. Brasília: ABDF, 1983.
- Mukherjee, A. K. *Filosofia da Biblioteconomia*. Teresina: Associação dos Bibliotecários do Estado do Piauí, 1985.
- Munford, W. A. "Edward Edwards (1812-1886)." In *World Encyclopedia of Library and Information services*. 3ª ed. Chicago: American Library Association, 1993.
- Murison, W. J. *The Public Library: Its Origins, Purpose and Significance*. 3rd. ed. Clive London: Bingley, 1988.
- Namur, P. *Manuel Du Bibliothecaire*. Bruxelles: J.B. Tircher, 1834. 12 de dezembro de 2019. <https://bit.ly/2YEuATM>.
- Namur, P. *Projet d'Un Nouveau Système Bibliographique des Connaissances Humaines*, Bruxelles: Demortier Frères, [25 de julho de] 1839.
- Naudé, Gabriel. *Conselhos para formar uma biblioteca*. Apresentação de Claude Jolly, Trad. da 1ª ed. (1627) por Antônio Agenor Briquet de Lemos. Brasília: Briquet de Lemos, 2016.
- Oliveira, José Teixeira de. *A Fascinante História do Livro: de Gutemberg aos Nossos Dias*. Vol. 4. Rio de Janeiro: Kosmos, 1989.

- Oliveira, Marlene de, coord. *Ciência da Informação e Biblioteconomia: Novos Conteúdos e Espaços de Atuação*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- Orera Orera, Luisa. "Evolución Histórica del Concepto de Biblioteconomía." *Revista General de Informacion y Documentación* 5, nº 2 (1995): 73-90.
- Ortega y Gasset, José. *Missão do bibliotecário*. Brasília: Briquet de Lemos, 2006.
- Ortega, Cristina D. "Relações Históricas entre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da informação." In *DataGramZero* 5, nº 3 (out. 2004): 1-16.
- Padover, S. K. & Isabella Stone. *Medieval Library*. Chicago: University of Chicago Press, 1939. Citado em Matthew Battles, *Conturbada História das Bibliotecas*, 71-72.
- Pagel, Walter. "The Vindication of Rubbish". *Middlesex Hospital Journal*, 45 (1945): 42-45.
- Paiva, Ana P. M. de. *Aventura do Livro Experimental*. São Paulo: Edusp; Autêntica, 2010.
- Panizzi, Antonio, ed. *Catalogue of Printed Books in The British Museum*. Vol. 1. Ed. por. London: Printed by order of the Trustees, 1841. Acessado em 26 de outubro de 2018. <https://catalog.hathitrust.org/Record/001761602>.
- Peignot, Étienne-Gabriel. *Dictionnaire Raisoné de Bibliologie*. Tomo 1. Paris: Villier, 1802. Acessado em 10 de dezembro de 2018. <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k54969220>.
- Petzholdt, Julius. "Bibliothéconomie." In *Serapeum* 2, (1841): 59-63. Acessado em 6 de outubro de 2019. <https://hdl.handle.net/2027/nyp.33433069121964>.
- Piedade, Maria A. R. *Introdução à Teoria da Classificação*. Rio de Janeiro: Interciência, 1977.
- Pierre Lévy. *As Tecnologias da Inteligência: o Futuro do Pensamento na Era da Informática*. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 2006.
- Pinheiro, Ana V. *A Ordem dos Livros na Biblioteca: Uma Abordagem Preliminar ao Sistema de Localização Fixa*. Rio de Janeiro: Intertexto, 2007.
- Prado, Heloísa de Almeida. *Organização e Administração de Bibliotecas*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.

- Pruna, Pedro, ed. Notas para "Principia de Newton", de Boris Hessen. Trad. Sylvia Fischer e Ruy Gama, 86-89. São Paulo: T.A. Queiroz, [1992].
- Quérard, J.-M. *Les Auteurs Déguisés de la Littérature Française au XIXe Siècle: Essai Bibliographique pour Servir de Supplément aux Recherches d'A.-A. Barbier sur Les Ouvrages Pseudonymes*. Paris: Bureau du Bibliothécaire, 1845. Acessado em 6 de outubro de 2019. <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k200147q>.
- Quérard, J.-M. *Les Supercherries Littéraires Dévoilées*. Vols. 1 e 3. Paris: P. Daffis, 1869-1870. Acessado em 20 de outubro de 2019. <https://books.google.com.br/>; <https://ia800903.us.archive.org/34/items/lessupercherriesl03quuoft/lessupercherriesl03quuoft.pdf>.
- Quinn, Mary E. *Historical Dictionary of Librarianship*. Rowman & Littlefield: Lanham; Boulder; New York; Toronto; Plymouth, UK, 2014.
- Ranganathan, S. R. *As Cinco Leis da Biblioteconomia*. Trad. Tarcisio Zandonade. Brasília: Briquet de Lemos, 2009.
- Ranganathan, S. R. *The Five Laws of Library Science*. [2.ed. 1957]. Reimpressão, Bombay; Calcutta; New Delhi; Madras; Lucknow; London; New York: Asia Publishing House, 1963.
- Ranganathan, S. R. *The Five Laws of Library Science*. Madras: The Madras Library Association, 1931. Acessado em 15 fevereiro de 2020. [https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=uc1.\\$b99721&view=1up&seq=13](https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=uc1.$b99721&view=1up&seq=13).
- Ravenel, J. "Hesse." *Feuilleton du Journal de la Librairie*, n° 9 (1845): [1]-8. Acessado em 11 de dezembro de 2019. <https://bit.ly/2t4JHdq>.
- Rémond, René. *O Século XIX: 1815-1914*. Trad. Frederico Pessoa de Barros. Cultrix: São Paulo, [1990].
- Richardson Jr., John V. "History of American Library Science: Its Origins and Early Development." In *Encyclopedia of Library and Information Sciences*, 3ª ed. Taylor & Francis, 2009. 1-9. Acessado em 10 de outubro de 2018. DOI: 10.1081/E-ELIS3-120043738.
- Roche, Daniel. *O Povo de Paris: Ensaio Sobre a Cultura Popular no Século XVIII*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Edusp, 2004.

- Rousseau, Jean-Yves, & Carol Couture. *Os Fundamentos da Disciplina Arquivística*. Lisboa: Dom Quixote, 1998.
- Russo, Laura G. M. *A Biblioteconomia Brasileira 1915/1965*. Rio de Janeiro: INL, 1965.
- Santos, Ana P. L. dos, & Mara E. F. Rodrigues. "Biblioteconomia: Gênese, História e Fundamentos." *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação* 9, nº 2 (março 2014): 116-131. Acessado em 15 de março de 2018. <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/248/264>.
- Schellenberg, T. R. *Arquivos Modernos: Princípios e Técnicas*. 6. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- Servier-Crouzat, Estelle. "Les Manuels Roret." *Le Blog Gallica: La Bibliothèque numérique de la BnF et de ses partenaires*. Acessado em 12 de dezembro de 2019. <https://gallica.bnf.fr/blog/01022018/les-manuels-roret>.
- Silva, Antonio de Moraes. *Diccionario da Lingua Portuguesa*. Tomo I. 6. ed. melhor e acresc. [por] Agostinho de Mendonça Falcão. Lisboa, Portugal: Typ. de Antonio José da Rocha, 1858.
- Smith, Adam. *A Riqueza das Nações: Investigação sobre a Natureza e suas Causas*. 2 vols. Os Economistas. Apresentação Wintos Fritsch, trad. Luiz J. Baraúna. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- Soares, Francisco S. M et al. *A Biblioteca Pública da Bahia: dois séculos*. Salvador: Secretaria da Cultura, 2011.
- Sorel, Patricia & Frédérique Leblac. *Histoire de La Librairie Française*, Édition du Cercle de la Librairie Française, 2008.
- Stenstrom, Patrícia. "Library Literature." In *Encyclopedia of Library History*, ed. Wayne A. Wiegand, & Donald G. Davis Jr. Garland Publishing: New York; London, 1994. 373-368.
- Thomas, Marcel. Introdução para *Aparecimento do Livro*, de Lucien Febvre, & Henry-Jean Martin. Trad. Fulvia M. L. Moretto, Guacira M. Machado, 55-73. São Paulo: Unesp, 2017.
- Thompson, Anthony, comp., *Vocabularium bibliothecariü*, 2ª ed. Paris: Unesco, 1962.

UDC Consortium. *Classificação Decimal Universal*. 2ª ed. Brasília: IBICT, 2007.

Verdelho, Telmo. "O Dicionário de Moraes Silva e o Início da Lexicografia Moderna." In *História da língua e história da gramática: actas do encontro*. Braga: Universidade do Minho/ILCH, 2003. 473-490. Acessado em 20 de outubro de 2019.

Weber, J. J. ed., "II. Anzeigen etc. Bibliothéconomie." *Serapeum* 1, nº 1 (janeiro 1840): 1-8.

White, Carl M. *A Historical Introduction to Library Education: problems and progress to 1951*. Metuchen, N.J: Scarecrow Press.

Wiegand, Wayne A. *A Biography of Melvil Dewey: Irrepressible Reformer*. Chicago e London: American Library Association, 1996.

Wilson, Luis R. Foreword para *An Introduction to Library Science*, de Pierce Butler, [v]-viii. Chicago, Illinois: The University of Chicago, 1933.

Wood, Charles. *Nine Old and Rare Books on Libraries*. Cambridge, Massachusetts: CBW, 2018. Acessado em 30 de novembro de 2019. <http://cbwoodbooks.com/NineBooksonLibraries-CBWood.pdf>.

Wright, Alex. *Cataloguing the World: Paul Otlet and the Birth of the Information Age*. Oxford e New York: Oxford University Press: 2014.